



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA CURSO DE
LICENCIATURA EM LETRAS**

GENEILDA DE SOUSA BARBOSA

**A LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA PROPOSTA
PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR**

Serra Talhada
2018

GENEILDA DE SOUSA BARBOSA

**A LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA PROPOSTA
PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR**

Trabalho submetido ao curso de Licenciatura
Plena em Letras da Unidade Acadêmica de
Serra Talhada da Universidade Federal Rural
de Pernambuco como requisito para obtenção
do grau de Licenciado em Letras.

Orientador(a): Prof^ª Dra. Maria do Socorro
Pereira de Almeida.

Serra Talhada
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

B2381 Barbosa, Geneilda de Sousa

A literatura no ensino fundamental II: uma proposta para a formação do leitor /
Geneilda de Sousa Barbosa. – Serra Talhada, 2018.

63 f.

Orientadora: Maria do Socorro Pereira de Almeida

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra
Talhada, 2018.

Inclui referência.

1. Literatura. 2. Ensino fundamental. 3. Leitores. I. Almeida, Maria do
Socorro Pereira de, orient. II. Título.

CDD 400

GENEILDA DE SOUSA BARBOSA

**A LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA PROPOSTA
PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR**

Trabalho submetido ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

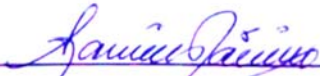
Orientador(a): Prof^ª Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida.

Aprovado em: 23/08/2018

BANCA EXAMINADORA



(Profa. Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida (UFRPE/UAST)
(Orientador/ Presidente)



Prof. Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira (UFRPE/UAST)
(Examinador 1)



Profa. Dra. Noadia Iris da Silva (UFRPE/UAST)
(Examinador 2)

Dedico este trabalho especialmente a minha família que sempre me apoiaram nessa minha trajetória acadêmica, e não mediram esforços para que esse momento se realizasse.

*“A imaginação não é um estado.
É toda a existência humana ”.*

(William Blake)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças nas horas em que mais precisei, por ter atendido os meus pedidos, por me fortalecer a cada dia ensinando-me sempre a ter paciência, para que eu conseguisse vencer mais um objetivo.

Agradeço ao meu pai Genildo Leite, um homem guerreiro, que sempre me motivou a seguir com os meus estudos, mostrando que esse era o melhor caminho a seguir.

Agradeço a minha mãe Maria Valdenisse, uma mulher forte, batalhadora e que sempre teve vontade de estudar, mesmo ela não conseguindo realizar o seu sonho e por isso, não mediu esforços para que eu estudasse e conseguisse me formar, sempre me ensinando, aconselhando e acreditando em mim. Essa conquista é para a senhora!

Agradeço a minha irmã Vanilda, minha segunda mãe, que sempre me ensinou a correr atrás dos meus objetivos, me dando apoio e sempre acreditando em mim.

Agradeço também a minha irmã Vanecilda, pois sempre me ajudou em todos os sentidos, se mostrando paciente, dedicada e disponível, foi o meu porto seguro diante de muitas dificuldades, mantendo-se disposta e me dando forças a todo instante para que eu conseguisse realizar o meu objetivo. Obrigada por tudo!

Agradeço também a meu namorado, Fábio, pela paciência de conviver com minha ausência, me iluminando em cada pensamento, que de uma forma especial e carinhosa me deu força e coragem para que eu conseguisse realizar o meu objetivo, me apoiando sempre!

Agradeço a meu padrinho Raniery, por sempre acreditar em mim, me encorajando, me dando forças e me motivando.

Aos meus amigos de faculdade Alídia, Jeancarlos, Gustavo, Ana e Juliana, que sempre me ajudaram a trilhar esse caminho e pelos momentos agradáveis que vivemos até hoje.

A minha orientadora, Professora Maria do Socorro Pereira de Almeida, pela paciência, dedicação e disponibilidade na orientação, por sempre se mostrar empenhada com o meu trabalho me motivando e sempre me colocando para frente, Obrigada por tudo!

A todos os meus professores e a minha instituição UFRPE/UAST, pela oportunidade de ter realizado este curso.

Obrigada a todos aqueles que acreditaram que eu chegaria ao fim, conquistando essa vitória tão desejada e esperada, numa batalha incansável pelo sucesso.

RESUMO

Sabe-se que a leitura desempenha um papel muito importante na educação escolar de crianças, adolescentes e adultos. Através da leitura de textos literários se tem acesso aos diferentes conteúdos ensinados na escola e informações da sociedade em geral, nos permitindo ter contato com o mundo no qual estamos inseridos e interpretá-lo. Nesse sentido, o presente trabalho pretende discutir de que forma o ensino de literatura pode ser trabalhado no ensino fundamental II, buscando subsídios teóricos que permita desenvolver estratégias de ensino de literatura na sala de aula, utilizando a leitura como uma ferramenta lúdica e auxiliar no desenvolvimento da leitura do aluno. Metodologicamente optou-se por revisão bibliográfica, através da reunião de um vasto arcabouço teórico, onde nos debruçamos sobre estudos basilares de autores como: Regina Zilberman, Nelly Coelho, Marisa Lajolo, dentre outros. Enfatiza-se também o caráter crítico-analítico, haja vista que no texto constam algumas análises de textos literários, particularmente no último capítulo em que procuramos fazer uma leitura analítica do livro “A Bolsa Amarela”, de Lygia Bojunga. O trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro capítulo aborda a questão da “literatura e escola”, apontado como o ensino de literatura pode ser incrementado na sala de aula e como ela pode ser uma aliada para a formação do sujeito crítico e reflexivo. O segundo capítulo aborda a importância da literatura infanto-juvenil, pois os alunos que estão no fundamental II precisam de uma literatura mais direcionada para a sua faixa etária. No terceiro capítulo apresentamos uma análise do livro “A Bolsa Amarela”, mostrando algumas possibilidades de leitura para essa obra e observando através de elementos simbólicos o cotidiano de muitas crianças. Conclui-se com este trabalho, portanto, a necessidade pujante do reconhecimento por parte da escola, professores e sociedade em geral, família e outros membros da sociedade, de reconhecer a importância da literatura para a formação do aluno, não apenas como atividade obrigatória da escola, mas como um instrumento transformador. Ressalta-se ainda, a importância do estudo de textos literários como ferramenta que possibilita ampliar os horizontes de interpretação do leitor, ampliando sua visão de mundo. Através da análise do livro “A bolsa Amarela”, proposta neste trabalho, pode-se ver na prática como a leitura tem o poder de gerar reflexão, inquietação, levar o leitor para o mundo da fantasia, mas sem perder o senso crítico, levando-o a decifrar códigos implícitos no texto que vão muito além do que as palavras escritas estão dizendo.

Palavras- Chave: LITERATURA; ENSINO FUNDAMENTAL; LEITORES.

ABSTRACT

It is known that reading a very important role in school education for children, adolescents and adults. Through the reading of literary texts one has access to the different contents taught in the school and information of the society in general, allowing us to have contact with the world in which we are inserted and to interpret it. In this sense, the present work intends to discuss how the teaching of literature can be worked in elementary education II, seeking theoretical subsidies that allows to develop strategies of teaching literature in the classroom, using the reading as a playful and auxiliary tool in the development of the student's reading. Methodologically we chose a bibliographical review, through the meeting of a vast theoretical framework, where we focus on basal studies of authors such as: Regina Zilberman, Nelly Coelho, Marisa Lajolo, among others. The critical-analytical character is also emphasized, given that the text contains some analyzes of literary texts, particularly in the last chapter in which we try to make an analytical reading of the book *"The Yellow Bag"*, by Lygia Bojunga. The work is divided in three chapters, the first chapter addresses the issue of "literature and school", pointing out how the teaching of literature can be enhanced in the classroom and how it can be an ally for the formation of the critical and reflective subject. The second chapter addresses the importance of the literature for children and youth, since the students who are in fundamental II need a more targeted literature for their age group. In the third chapter we present an analysis of the book *"The Yellow Bag"*, showing some reading possibilities for this work and observing through the symbolic elements the daily life of many children. It concludes with this work, therefore, the strong need for recognition by the school, teachers and society in general, read family and other members of society, to recognize the importance of literature for student training, not just as compulsory school activity, but as a transformative instrument. It is also worth noting the importance of the study of literary texts as a tool that allows to broaden the horizons of interpretation of the reader, broadening his vision of the world. Through the analysis of the book *"The Yellow Bag"*, proposed in this work, one can see in practice how reading has the power to generate reflection, restlessness, lead the reader to the world of fantasy, but without losing the critical sense, leading -e to decipher codes implicit in the text that go well beyond what the written words are saying.

Keywords: Literature; Teaching; Elementary education; Readers.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Fases do desenvolvimento da criança e respectivo interesse pela leitura.....	38
---	----

LISTA DE SIGLAS

PPP- Plano Político pedagógico

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	15
1 - LITERATURA E ESCOLA, ALGUMAS PONDERAÇÕES	15
1.1 POR QUE OFERECER O TEXTO LITERÁRIO?	23
1.1.1 Textos literários: Humor... Crítica...Poesia...Informação	25
CAPÍTULO II	34
2. LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO FUNDAMENTAL II	34
CAPÍTULO III	42
3. LITERATURA INFANTO-JUVENIL: A <i>BOLSA AMARELA</i>, UM LIVRO EM PROCESSO DE ANÁLISE	42
3.1 ADENTRANDO A OBRA	44
3.1.1 As vontades de Raquel	48
3.2 OBSERVANDO ALGUMAS SIMBOLOGIAS NA OBRA	51
3.2.1 Os sonhos de Raquel	52
3.2.2 O galo Afonso e o galo Terrível	53
3.2.3 A bolsa amarela	56
3.2.4 O alfinete	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

INTRODUÇÃO

A literatura faz parte da vida humana desde que o homem começa a falar e contar suas aventuras. As histórias analisadas permeiam o dia a dia da humanidade, como forma de costumes, sendo uma atividade cultural. Com o advento da escrita as narrativas começam a assumir diversas formas e tipos de contextos através do tempo.

Diante do exposto, observa-se que a leitura desempenha um papel muito importante na educação escolar de crianças, adolescentes e adultos. Através dela se tem acesso aos diferentes conteúdos ensinados na escola, informações da sociedade em geral, enfim, a leitura nos permite ter contato com o mundo no qual estamos inseridos e interpretá-lo. Como a leitura intervém em todos os setores para o desenvolvimento intelectual do aluno, o fato de não ler, ou não ter interesse pela leitura, pode trazer sérios prejuízos para a formação escolar e social dos alunos.

Essa preocupação tem aumentado cada vez mais devido à crise que o ensino de literatura historicamente tem sofrido, uma vez que a mesma não ocupa um lugar devido no currículo do ensino fundamental, e dado a sua importância na formação do indivíduo, a escola precisa despertar cada vez mais para a necessidade de desenvolver o hábito da leitura respectivamente do texto literário nos alunos. Se as crianças desde cedo forem envolvidas no mundo mágico da leitura e da fantasia, parece ser mais fácil desenvolver o hábito da leitura, contudo, nem sempre essa é uma tarefa fácil, especialmente no fundamental II, pois, os adolescentes estão passando por uma fase de mudanças, descobertas e desenvolvimento de novos hábitos, e muitas vezes, instigá-los a desenvolver o gosto pela leitura pode tornar-se uma tarefa bastante desafiadora.

Dentro desta perspectiva, é necessário estudar as práticas escolares a respeito do ensino, bem como redirecionar o papel do ensino de literatura. Só assim, pode-se alcançar os objetivos desejados na formação cidadã do aluno e conseguir fazê-lo enxergar mais além do que os textos mostram. Pois, através da literatura, é possível aprimorar a capacidade de leitura e compreensão de textos, permitindo uma nova visão e novos significados para além de o que está escrito no texto. Na sala de aula o professor deve trabalhar a literatura, traçando seu objetivo de buscar um momento de leitura prazerosa, analisando quais recursos podem ser usados, sem perder o caráter lúdico. Mas, pode-se observar que muitas crianças não têm o hábito da leitura e só leem quando são pressionados para estudar ou fazerem um trabalho.

Diante do exposto, a problemática que norteia o presente estudo está centrada na dificuldade que a escola e professores possuem em ofertar para o alunado o acesso ao texto

literário, um grande desafio é desenvolver o gosto pela leitura e o interesse pela literatura junto aos alunos, pois as crianças têm mostrado cada vez menos contato com a literatura, não se sabe ao certo quais os determinantes para isso acontecer, mas alguns fatores podem ser atribuídos como a falta de incentivos pela família, falta de incentivo na escola, quantidade de tarefas diárias que a criança assume na escola, ou até mesmo a perda de espaço dos livros para os meios eletrônicos como computadores, celulares e videogames. Mas, tendo em vista a importância da literatura, ela deve ser uma importante ferramenta para melhorar a relação ensino-aprendizagem, aproximar o aluno da escola, desenvolver a criatividade e criticidade do aluno.

Assim, a escolha dessa temática se justifica em função da necessidade de cada vez mais chamar atenção para importância da literatura na vida das crianças e jovens, pois ela representa um importante instrumento de compreensão do mundo, sendo essencial na formação do aluno como cidadão crítico, além de estimular o gosto pela leitura e facilitando escrita, reflexão e atuação na sociedade. A literatura possibilita um novo horizonte de expectativas, pois ela desenvolve em nós a sensibilidade, tornando-nos mais compreensivos, reflexivos, críticos e abertos para novos olhares e possibilidades diante da nossa condição humana.

Nesse sentido, o presente trabalho objetiva discutir de que forma o ensino de literatura pode ser trabalhado no ensino fundamental II, buscando subsídios teóricos que permitam desenvolver estratégias de ensino de literatura na sala de aula, utilizando a leitura como uma ferramenta lúdica e auxiliar no desenvolvimento da leitura do aluno.

Metodologicamente optou-se por uma revisão de literatura, em que foi feito levantamento bibliográfico a respeito do tema, para tal, nos debruçamos em estudos basilares de autores como: Regina Zilberman (2003), Nelly Coelho (2000), Marisa Lajolo (1993), dentre outros. Enfatiza-se também o caráter crítico-analítico, haja vista que no texto constam algumas análises de textos literários, particularmente no último capítulo em que procuramos fazer uma leitura analítica do livro “A Bolsa Amarela”, de Lygia Bojunga.

O trabalho foi estruturado em três capítulos, a saber: o primeiro capítulo trata da temática “literatura e escola”, apontado como o ensino de literatura pode ser incrementado na sala de aula e como ela pode ser uma aliada para a formação do sujeito crítico e reflexivo. O capítulo traz uma breve análise de alguns tipos de textos literários, mostrando como eles podem contribuir para o desenvolvimento da leitura dos alunos e o interesse pelo texto literário.

O segundo capítulo aborda a importância da literatura infanto-juvenil, pois os alunos que estão no fundamental II precisam de uma literatura mais direcionada para a sua faixa etária. Assim, apontando práticas de ensino do texto literário que os atraiam para a sala de aula e conseqüentemente, o gosto pela leitura.

No terceiro capítulo apresentamos uma análise do livro “A Bolsa Amarela”, mostrando algumas possibilidades de leitura para essa obra e observando através de elementos simbólicos o cotidiano de muitas crianças.

Por fim, são apresentadas as considerações finais, trazendo os principais apontamentos sobre o tema e encaminhamentos para trabalhos futuros.

CAPÍTULO I

1 - LITERATURA E ESCOLA, ALGUMAS PONDERAÇÕES

Ao longo do tempo, o ensino de literatura nas escolas vem se defrontando com grandes obstáculos que dificultam a construção e desenvolvimento do hábito da leitura especialmente do texto literário no alunado. Na maioria das vezes, essa disciplina não é trabalhada nas turmas de ensino fundamental II ou, muitas vezes, é passada de forma incipiente porque não contempla a necessidade de aprendizagem do aluno. Nesse contexto, de acordo com muitos estudiosos da área como Lígia Cademartori, Regina Zilberman, Leticia Malard e outros, é muito importante o trabalho com textos literários para a formação de um bom leitor, assim como de um sujeito crítico e reflexivo.

A literatura pode ser considerada como um objeto cultural que contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, da educação, dos aspectos cognitivos e linguísticos, além disso, ela abre caminhos para um novo espaço do conhecimento, oferecendo a oportunidade de viajar pelo universo fictício ou real. Nesse sentido, os PCN (1998, p. 37) apresentam importantes considerações:

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea).

Fica claro, portanto, que a literatura não é tão somente a transcrição do mundo real, ou mesmo um lugar que abriga a fantasia, ela encontra sentido quando o real e o imaginário se fundem, transgridem e se ressignificam, dando lugar ao novo, que nada mais é que um pouco de cada um. Assim, os textos literários transcendem a proposta de levar meramente informação e conhecimento ao leitor, ele vai além, impetrando no campo da ficção, das múltiplas interpretações e do lúdico. De acordo com essa perspectiva, Perrone-Moisés (2007, p. 18), afirma que:

Os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge o seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação [...]. Opera a interação

de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretação, porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento, porque a ficção, ao mesmo tempo em que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis. [...].

Contudo, é possível perceber, que o ensino de literatura não possui um lugar adequado na sala de aula, nem nos Planos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas, esse fato é grande problema para a educação, embora isso não seja visto como tal por uma parcela dos docentes das instituições em geral.

Em relação ao ensino e a aprendizagem da leitura, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) afirmam que “o trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes”, ou seja, leitores que reflitam que saibam interpretar e que tenham senso crítico, pois a leitura forma pessoas, não é conhecimento apenas para o vestibular, é conhecimento para a vida. No entanto, a realidade das escolas é outra, pois a leitura, especialmente do texto literário, fica sempre em segundo plano, porque o tempo que o aluno tem em sala é para contemplação da língua portuguesa que, por sua vez, é vista desassociada do texto literário.

Apesar da importância da leitura, a grande maioria dos alunos não está desenvolvendo o hábito de ler, pois não recebem o incentivo para manter contato com livro em sua forma material ou imaterial nem em casa nem na escola, não havendo assim, o reconhecimento da magia da leitura. Para Zilberman (1982, p. 86), “a função formativa da literatura realizar-se-á neste sentido humanizador, desde que a obra oriente-se para o recebedor, valorizando-o no relato enquanto personagem e leitor implícito”. Pela fala de Zilberman, podemos inferir que a leitura deve ser um momento de prazer em que o leitor possa adentrar o mundo fictício, participar dele e relacionar alguns fatores desse mundo com a realidade em que vive, seja de modo positivo ou negativo, pois o primeiro é a efetivação da leitura e o segundo é o senso crítico sendo aguçado como resultado dessa efetivação.

Assim, se o aluno tem uma boa experiência com os livros, isto é, se em seu ambiente sociocultural há o estímulo para ele ler e interpretar textos que fazem parte do seu cotidiano, ele adquire mais rapidamente o hábito pela leitura, porém sabemos que a maioria dos alunos não dispõe desse incentivo, pois o processo de leitura recreativa é muito difícil em nossa comunidade social e escolar.

Diante desse aspecto, ressalta-se que a leitura está precisando cada vez mais de incentivo, não só por parte da escola e professores, como também da família e da sociedade

em geral. É preciso que haja uma parceria entre a escola e a família para que o aluno se desenvolva de forma satisfatória, além disso, é necessário que a escola propicie um ambiente adequado para que os livros literários sejam vistos de forma diferente, ou seja, como algo enriquecedor e, sobretudo, agradável. Nesse contexto, Edson Garcia (1992, p.77) aponta que:

É através da leitura que o educando ampliara sua visão de mundo e suas interpretações da história, ficara mais bem capacitado para o desempenho específico da parte que lhe cabe no coletivo da escola. Deve ser o educador o primeiro a buscar na leitura os caminhos para as soluções de muitos problemas existentes na escola [...]

A escola é, sem dúvida, um espaço em que a criança e os jovens passam uma grande parte do tempo, portanto, esse espaço torna-se estratégico para desenvolver, não só o contato com a literatura, mas para que isso aconteça de forma prazerosa e o ato ler alcance a esfera do intercâmbio do conhecimento e das trocas de saberes, como defende Zilberman (2003, p. 16) *apud* Rocha (2010) ao lembrar que “a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como, um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade”.

A escola assume um papel essencial na vida do aluno e conseqüentemente na formação de bons leitores, é válido ressaltar que leitura de textos literários deve começar desde muito cedo para os alunos.

Nesse sentido, a inserção da leitura no cotidiano dos alunos deve ser reconhecida também como parte das responsabilidades escolares, buscando estimular e incentivar o hábito da leitura e da decodificação dos códigos, sendo o professor, em parte, responsável por essa transformação e revolução cognitiva na vida do educando.

É válido ressaltar que o ensino da literatura na sala de aula precisa cada vez mais de um olhar direcionado para a compreensão de aspectos da realidade social do aluno, mostrando, que a literatura, possui uma verdade, que transmite experiências, para assim, conseguir atrair a atenção do aluno para a leitura e, conseqüentemente despertar desejos, sensações e sentimentos através do contato com o texto literário.

A leitura é algo que pode oferecer acesso à realidade social, tornando-se algo indispensável e importante para o desenvolvimento do ser humano, possibilitando ao aluno, uma percepção em relação ao seu ambiente social. Ulisses Infante (2000, p. 46) diz:

[...] a leitura é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade. Informações submetidas à reflexão crítica indispensáveis à produção escrita. Além disso, a leitura de

textos, feita adequadamente, permite-nos depreender esquemas e formas da língua escrita, que, como já sabemos, tem normas próprias, diversas daquelas da língua falada.

Nesse sentido, a escola assume um importante papel para o desenvolvimento da leitura através da literatura, pois é nesse espaço que as práticas de leituras serão realizadas e para isso é necessário que o leitor seja estimulado para compreender a criticidade e o verdadeiro sentido do texto. Para que isso aconteça, é necessário que os professores, ao ensinar literatura, atribuam uma relação entre os textos literários ao ambiente externo da escola, para que os alunos apreciem cada vez mais os textos, atribuindo um sentido para a sua aprendizagem.

Diariamente, na escola, os alunos são expostos a diversas situações de leituras, que na maioria das vezes são obrigatórias, e isso faz com que o aluno não se estimule, é nesse momento que isso se torna um grande desafio para o professor, pois serão eles quem deverão transformar esses momentos de leitura em algo prazeroso, fazendo com que a literatura se torne uma forte aliada no processo de desenvolvimento no hábito pela leitura.

É perceptível que muitas leituras ainda são feitas no intuito de atingir objetivos distintos do entendimento do texto literário. Isso se ratifica nos tipos de texto que são oferecidos no livro didático, muitas vezes escritos pelos próprios autores do livro, sem teor literário, mas apenas como apêndice para o aprendizado gramatical, que infelizmente ainda vem sendo passado separadamente, como se pode ver no exemplo a seguir:

“Leia o poema e observe”

Sou o C
 Uma letra sapeca!
 Junto com a, o, u
 Faço ca, co, cu
 Se me colocam um sinal,
 Mudo de som:
 Faço ça, ço, çu.
 Junto do e e do i
 Não sou de brincadeira,
 Não preciso do sinal,
 Faço sempre o mesmo som:
 Ce, ci. (os autores)¹

Percebemos que o texto foi feito apenas com o propósito de reconhecer determinada letra. O conteúdo é vazio, sem sentido algum. É uma leitura que não auxilia humanamente o

¹ In Gramática, Marcha criança, 2º ano. Ed. Scipione, 2016.

aluno, não serve para outra coisa a não ser observar a escrita com C ou com Ç de forma solta, sem contexto.

No mesmo livro encontramos algumas histórias bem resumidas como João e o pé de feijão, poemas de Rute Rocha e outros autores, mas nenhum trabalho pelo contexto, apenas o ortográfico de algumas palavras, ou seja, o conteúdo do texto se perde totalmente. Vemos que não há uma interação com a literatura, é como se o teor literário não tivesse importância. Essa criança cresce pensando só no objetivismo do texto, na utilidade, pois não há um deleite, um prazer na leitura.

Sabemos que o tempo dos professores em sala é muito curto para dar conta do conteúdo. Esse é um dos argumentos de muitos para não oferecerem o texto literário. Mas, além disso, o texto do próprio livro didático não é aproveitado para reflexão, é passado com intuito de decorar palavras, ou seja, de forma utilitarista.

Lajolo (2008) reforça a importância da literatura como linguagem e como instituição, uma vez que ela reporta imaginários, sensibilidade, valores e comportamentos, tornando-se um canal de transmissão pelo qual a sociedade expressa simbolicamente seus impasses e desejos, suas utopias. Sendo, portanto, extremamente importante à incorporação da leitura no currículo escolar. Assim, Lajolo (2008), destaca, ainda, que para exercer a cidadania plena o cidadão precisa se apossar da linguagem literária, tornando-se um leitor competente.

Nesse sentido, a literatura é um elemento muito importante para a formação dos educandos, bem como para os educadores, pois procura fazer com que o educador reflita sobre as diversas possibilidades de como trabalhar a literatura na escola e como isso pode se tornar significativo para a vida do leitor na sala de aula. Para Marisa Lajolo (1982 p.59):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que ser autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

De fato, a leitura não se resume a decodificação de símbolos, ler é todo o ato de interpretar, compreender e reter informações e isso não se limita ao texto escrito, por exemplo, ela pode ser realizada por meio de cartum, charge, revistas em quadrinhos, filmes, músicas entre outros. Portanto, o ato ler envolve todas as pessoas. Com efeito, para que se possam formar realmente leitores críticos e interessados é necessário que a leitura seja interessante, que desperte curiosidade e prazer no leitor.

Cosson (2007, p. 27) define o bom leitor como “aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário.” Assim, o ato de ler faz com que o leitor seja transportado para outras dimensões, lugares, permitindo, por exemplo, uma interação entre o leitor e os personagens da literatura.

A forma como o professor estabelece relação de ensino com os seus alunos, tem que ser de forma concreta e dinâmica, por isso, é necessário criar, na escola, um lugar onde possamos desenvolver o hábito pela leitura, através de situações cotidianas de forma lúdica, de modo que o futuro leitor possa agir livremente, escrever seu papel de vivência do seu próprio ambiente, se familiarizando com o sistema de aprendizagem. Em relação a esse aspecto, Antunes (2009, p. 195) ressalta que:

a leitura é uma espécie de porta de entrada; isto é, é uma via de acesso à palavra que se tornou pública e, assim, representa a oportunidade de sair do domínio do privado e de ultrapassar o mundo da interação face a face. É uma experiência de patrulhamento, uma experiência de encontro com a alteridade, onde, paradoxalmente, se dá a legítima afirmação do eu.

Para que o processo de leitura possa realizar-se de maneira eficaz é preciso que o professor intervenha como mediador entre os alunos e sua desenvoltura no mundo da leitura. Assim, o professor agiria como agente facilitador das descobertas sobre a estrutura combinatoria da língua por isso, sua observação na separação adequada de tarefas de acordo com a necessidade de cada aluno, além de tornar atitudes conscientes no momento de formar grupos ou equipes, é essencial para transformar a sala de aula em um espaço de interação, de apoio, de cooperação, onde a criança, junto com outras, se sintam fortalecidas e tenham oportunidade para resolverem os problemas, interiores e externos. Através dessa atitude o professor pode transformar a sala de aula em um espaço onde a diferença de ação proporciona boas mudanças.

A atividade de leitura transcende o simples ato de decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê. A leitura precisa permitir que o leitor aprenda o sentido do texto, o qual não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos, sem a compreensão semântica dos mesmos. Assim, a leitura pode ser antes de tudo um ato de raciocínio, e sua concepção é tida como atividade de estimulação dos sentidos, para entender o significado de um texto, o leitor tem de elaborar uma interpretação global ao longo de sua leitura.

No processo de leitura, muitos elementos precisam ser compreendidos, assim entende-se por leitura a capacidade de compreender um contexto escrito, oral ou através de outras linguagens e analisar conteúdo, ou seja, captar as ideias do autor, levando em consideração as experiências do e os conhecimentos do leitor. Como destaca Kleiman (1997), a leitura é um ato social que permite interação, diálogo, troca de experiências entre o leitor e autor, e isso é feito, na maioria das vezes de maneira intencional, assim, quando o autor materializa o texto ele já imprimiu suas intenções e propósitos para com seus leitores.

A leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados. Essa dimensão interacional, que para nós é a mais importante do ato de ler, é explicitada toda vez que a base textual sobre a qual o leitor se apoia precisa ser elaborada, pois essa base textual é entendida como a materialização de significados e intenções de um dos interagentes à distância via texto escrito (KLEIMAN,1997, pág. 10).

Assim, percebemos que a leitura é um processo interativo, a partir do qual conseguimos formular conceitos, ter opinião crítica acerca dos assuntos que estão acontecendo em nossa volta, e no mundo como um todo e é por isso que o texto literário é importante, pois, naturalmente, ele já fomenta esses aspectos como bem observa Antonio Candido (2002) em *Literatura e a Formação do Homem*, no texto produzido a partir de uma palestra do autor e no qual ele apresenta a função humanizadora da liberdade e que o fato de a literatura mostra a expressão universal do ser humano, aspecto que é um fator de suma importância para a formação pessoal. Nessa perspectiva, Candido afirma que:

Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e função desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasias, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. [...] (CANDIDO,2002,p.392)

De acordo com Candido, podemos dizer que a literatura é uma necessidade, ou seja, é algo de que o ser humano precisa para um melhor desenvolvimento pessoal, social, intelectual, além de ser também algo de direito humano como ele bem enfatiza em outro artigo intitulado “O direito a literatura”, que está no livro “Vários escritos”. (1995)

De acordo com Martins (1994, p. 23), “a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento”. A

compreensão de um texto não se resume a capacidade de memória, mas também a capacidade de inferir fatos que não são apresentados explicitamente. Zilberman também aponta isso afirmando que:

A aprendizagem da leitura constitui uma tarefa permanente que se enriquece com novas habilidades na medida em que se manejam adequadamente os diferentes textos. Por isso, a aprendizagem da leitura não se restringe ao primeiro ano de vida escolar. Atualmente, sabe-se que aprender a ler é um processo que se desenvolve o longo de toda a escolaridade e de toda vida. (ZILBERMAN, 1987)

Durante o processo de leitura o ser humano desempenha um papel ativo muito importante, sendo as inferências um relevante processo cognitivo nesta atividade, pois permitem ao indivíduo um entendimento do que ouve ou lê indo muito além do que é explícito. Pode-se entender a leitura como um encurtamento da distância entre o leitor e o autor. Através desse encontro, ambos estabelecem um confronto de significados gerados a partir da interação de cada qual com seu mundo.

O leitor tem liberdade para construir sentidos, mas ele também é limitado pelos significados trazidos pelo texto e pelas suas condições de uso, o aperfeiçoamento da leitura é um processo contínuo, que precisa ser praticado para ser aprendido. Acredita-se que a pratica da leitura e da escrita, utilizada em diversos gêneros textuais é fundamental para formar bons leitores e escritores. A leitura na sala de aula de aula deve buscar relacionar o aluno com a obra trabalhada. ZILBERMAN (2001) afirma que:

a proposta de que a leitura seja reintroduzida na sala de aula significa o resgate de sua função primordial, buscando sobretudo a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção. Pois é deste intercâmbio, respeitando-se o convívio individualizado que se estabelece entre o texto e o leitor, que emerge a possibilidade de um conhecimento real. (ZILBERMAN, 2001, p. 21).

Vale destacar também, a importância da inserção da leitura do professor como hábito, pois ele pode fazer com que o aluno desperte o gosto pela literatura. Nesse sentido, é necessário que a leitura esteja sempre presente na vida de todas as pessoas, professor, aluno, família e escola, pois quanto mais ela é praticada, mais é aprimorada, tornando-se um hábito prazeroso e um bom exercício para a mente, dessa maneira, é possível afirmar que quanto mais se ler, mas o indivíduo irá adquirir conhecimentos. Segundo Cosson (2006):

É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que atividade da leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o gesto essencial solidário exigido pela leitura de qualquer texto. O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo (COSSON, 2006, p. 27).

Nesse contexto a leitura de um texto literário nunca é completamente solitária, pois mesmo em um monólogo o leitor é invocado, acionado, provocado como se pode ser em diferentes contextos de obras, como “Grande Sertão: veredas”, de Guimarães Rosa ou mesmo em obras infanto juvenis como “A bolsa amarela” que será analisada na 3º parte desse texto.

Assim, através da leitura podemos nos tornar críticos, buscando compreender o texto escrito, através de aspectos que estabeleçam um sentido com o que está externo à obra. A partir da leitura literária pode se estabelecer condições e estratégias para que ocorra o interesse do crescimento individual do sujeito, pois o ato de ler é iniciado na escola, e tem a função de desenvolver e despertar o hábito da leitura. Dessa maneira, é possível dizer que a leitura em geral e especialmente a leitura do texto literário amplia o nosso conhecimento, possibilitando o desenvolvimento social e cognitivo do leitor, além de abrir um leque do conhecimentos e compreensão de mundo, pois a literatura liga passado e presente e antecede o futuro.

1.1 POR QUE OFERECER O TEXTO LITERÁRIO?

A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a "compreender" o mundo à nossa volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional com a que vivemos.

É na escola que os alunos devem ter o contato com os diversos tipos de leituras, para que a partir dessa prática eles sejam capazes de ler e interpretar textos de forma objetiva, é nesse momento, que os textos literários podem se tornar grandes aliados na formação desses alunos, pois através deles é possível viabilizar a atuação desse leitor na sociedade de forma mais ativa, uma vez que a leitura e a escrita são condições para participação social legítima.

A experiência com a leitura requer uma compreensão do tempo histórico da obra, para assim, ser possível que o leitor contemporâneo tenha capacidade analítica de interpretar e reter informações a respeito do que está lendo, por meio disso, é possível traçar um caminho

para verdadeira inserção na sociedade, e o texto literário pode ser um dos principais aliados nessa conquista. Pois se faz necessário que os alunos entrem em contato com diversos tipos de textos literários, como, crônicas, poemas, romances, contos, entre outros e, a partir desses textos, façam sua própria interpretação, e possa interagir na sala de aula.

Para que esses momentos de leitura ocorram, é necessário que o professor faça um processo de mediação entre leitor e texto, apresentando aspectos positivos e reais que podem ser extraídos do texto trabalhado. Portanto, é necessário que o leitor se integre nesse mundo paralelo e aprecie o que a obra literária oferece. Apesar disso, Zilberman (1989), faz algumas ponderações:

A experiência primária de uma obra de arte [...] se realiza na sintonia com seu efeito estético, na compreensão fluidora e na fruição compreensiva. Uma interpretação que ignorasse esta experiência estética primeira seria própria da presunção do filólogo que cultivasse o engano de supor que o texto fora feito, não para o leitor, mas sim, especialmente para ser interpretado. Disso resulta a dupla tarefa da hermenêutica literária: diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. Ou seja, de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos. Deve ter por finalidade comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção (ZILBERMAN, 1989, p.46).

Nesse sentido, o texto literário precisa se destacar em relação a outros textos, por possibilitar uma maior liberdade ao leitor, permitindo-lhes explorar novos significados e interpretações, contudo, ele não deve ser desconexo da realidade. A importância do trabalho com o texto literário na sala de aula é ressaltada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998, p. 36-7):

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário.

O ensino da literatura nas escolas sugere um uso de linguagem que aproxime nos a cultura, mas realidade e isso é muito relativo do aluno ao texto trabalhado em sala. É perceptível cada vez mais a necessidade de o aluno entrar em contato com os diversos textos

literários, como, romances, crônicas, poemas, contos, entre outros e fazer sua própria interpretação a partir da interação intermediada pelo professor e a obra na sala de aula.

A literatura ensina, informa, discute, e faz refletir sobre realidades diversas. Os aspectos sociais, culturais, psicológicos, sentimentais formam uma profusão de conteúdos além do texto, que possibilita a inserção do indivíduo não só no mundo ficcional, mas também no seu próprio mundo, pois é inevitável a relação.

Nesse sentido, a seguir apresentaremos alguns exemplos de textos literários, buscando evidenciar a riqueza e especificidades que esses gêneros carregam e como eles podem ser utilizados como aliados do professor na sala de aula, para atrair a atenção e o interesse dos alunos para o universo da leitura.

1.1.1 Textos literários: Humor... Crítica...Poesia...Informação

A leitura pode ser muito interessante e prazerosa, principalmente quando aliada a informação, autor coloca uma pitada de outros ingredientes, já que os vários gêneros literários possuem suas peculiaridades e sutilezas. Com efeito, o leitor é convidado a experimentar emoções, sensações, refletir sobre temas importantes, fazer uma análise crítica do contexto social e político, enfim, são infinitos os campos que o autor pode acessar e chegar até os leitores.

A crônica, por exemplo, é considerada um gênero literário, apresenta fatos do dia-a-dia, muitas vezes representando situações corriqueiras, geralmente com linguagem simples, que pode ser facilmente compreendida pelos alunos. É possível notar isso em *O assalto*, de Carlos Drummond de Andrade, o texto aborda um alarde que se criou em cima de um hipotético assalto, o autor lança mão de uma pitada de humor, para mostrar como a grande maioria das pessoas se comporta frente uma situação de perigo como pode ser observado no trecho a seguir:

Na feira, a gorda senhora protestou a altos brados contra o preço do chuchu:
 - Isto é um assalto!
 Houve um reboiço. Os que estavam perto fugiram. Alguém, correndo, foi chamar o guarda. Um minuto depois, a rua inteira, atravancada, mas provida de admirável serviço de comunicação espontânea, sabia que se estava perpetrando um assalto ao banco. Mas que banco? Havia banco naquela rua? Evidente que sim, pois do contrário como poderia ser assaltado?[...]

De acordo com o texto apresentado, o autor faz uma crítica ao comportamento humano, como o medo e a curiosidade, muitas vezes levam as pessoas a propagarem informações sem checar sua veracidade.

– Um assalto! Um assalto! – a senhora continuava a exclamar, e quem não tinha escutado escutou, multiplicando a notícia [...] Na confusão, circularam notícias diversas. O assalto fora a uma joalheria, as vitrinas tinham sido esmigalhadas a bala. E havia joias pelo chão, braceletes, relógios. O que os bandidos não levaram, na pressa, era agora objeto de saque popular. Morreram no mínimo duas pessoas, e três estavam gravemente feridas. [...]

A crônica aborda de forma bem humorada como as pessoas, na ânsia e no medo do perigo, ou mesmo movidos pela adrenalina de viver novas emoções, vão fantasiando em cima de fatos hipotéticos, criando situações, acontecimentos e como um simples mal entendido pode lavar a instaurar um pânico coletivo, onde existe um crime, criminosos, objetos furtados, tiros. De maneira sutil o autor nos convida a reavaliar nossas ações, nossa conduta, trazendo à tona a importância de como nos conduzimos diante de fatos e situações. Nesse contexto, repensamos nos efeitos que nossas ações podem causar, de como algo aparentemente simples e inofensivo pode se transformar em um caos generalizado.

Esse caso tratado por Drummond na crônica remete ao contexto que se observa atualmente nas redes sociais. Muitas pessoas colocam mentiras como verdade e outras, sem mostrar a veracidade do que vê ou lê espalha os fake, e as notícias ganham um espaço absurdo. Ressalta-se que devido a essa consequência no uso das redes sociais, pessoas já perderam a vida por serem confundidas com bandidos e foram linchadas na rua. Diante disso, além de toda a análise que se pode fazer da crônica de Drummond, ainda pode-se usá-la para abordar um evento atual e bem próximo dos alunos, uma vez que usam ininterruptamente o aparelho celular ou o computador.

É um texto bem humorado que trata das relações sociais e do comportamento humano e que pode ser levado para sala de aula do ensino fundamental II, especialmente nos anos finais. A criança nesse estágio precisa dar vazão à criatividade através de textos que a levem a refletir sobre seu lugar no mundo e sobre tudo que a rodeia. A literatura, nesse sentido, oferece de forma lúdica e eficaz, uma forma de apropriação de sentido do texto enquanto fomenta o desenvolvimento do senso crítico do leitor e o põe frente à realidade que o cerca.

Seguindo a análise de alguns gêneros literários pode-se destacar o poema, que também pode ser levado para sala de aula, e trabalhado de forma diferenciada e criativa. O professor poderá, a partir da leitura, levantar questionamentos acerca das ideias presentes no poema e os

alunos poderão fazer uma referência do texto com a sua própria vida, ou com algum momento que já passou. A partir da leitura é possível até fazer um paralelo entre o texto e a sua realidade.

No poema *Ou isto ou Aquilo* de Cecília Meireles apresentam-se, com leveza, aspectos de um processo de escolha tão óbvios quanto difíceis de serem assumidos, por adultos, jovens e crianças. Como pode ser visto nos fragmentos a seguir:

Ou se tem chuva e não se tem sol
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo...

(MEIRELES, 1984, p. 815-6)

É possível observar que esse poema aborda claramente uma temática de escolha, o que é bastante comum na vida das pessoas, mostrando de forma sensível, as dúvidas e incertezas, que serão geradas, pois a partir de uma escolha está renunciando o seu outro desejo. Essa infinidade de possibilidades é sem dúvida, o que permeia a maestria de Cecília Meireles enquanto poeta que mostra em sua obra uma preocupação pedagógica enquanto educadora, proporcionando ao jovem leitor uma experiência de imaginação e apreciação estética. Ao fim do poema o eu lírico revela:

“Mas não consegui entender ainda
Qual é melhor: se é isto ou aquilo.”

Dessa maneira, é possível perceber que o eu-lírico consegue compreender as escolhas que tem de fazer. Por outro lado, vemos que esse eu poético, nesse sentido, se faz cúmplice do

leitor que, assim como ele, passa por situações semelhantes de escolhas na vida. Trata-se de um texto com repetições no aspecto que é enfatizado de ritmo e simetria. Também há um ritmo que acompanha o texto como o ritmo da própria vida, a cada dia, a cada momento, continuamente. Esse poema pode sensibilizar a também um adulto, pois as escolhas nunca nos abandonam, pelo contrário, vão ficando mais urgentes, mas sérias e mais difíceis.

Assim, é possível perceber que o texto literário pode oferecer ao aluno várias possibilidades de leituras, que a interpretação do texto também é um dos caminhos para a formação do senso crítico, por isso é necessário que o professor esteja sempre levando para sala de aula, textos que contribuam para a formação do leitor para que eles possam refletir sobre fatos importantes e presentes na realidade social.

Nessa direção, o professor pode ir além, e ofertar outros gêneros textuais, como a literatura de cordel, uma nova proposta de leitura que pode aproximar os leitores da sua e de outras culturas. Tornando-se um desafio bastante instigante para os professores, pois é um tipo de texto que enriquece a identidade, os costumes e as tradições do meio social dos alunos.

Pensando assim, levar a Literatura de Cordel até à escola significa motivar o aluno a conhecer mais da formação cultural de nosso povo, bem como observar, Maria Almeida (2018, p. 341) “a literatura popular é um patrimônio cultural, singulariza um grupo social, e a riqueza dessa literatura pode auxiliar no processo de incentivo à leitura em geral”, pois o Cordel, em suas temáticas, não narra apenas histórias imaginativas, mas também fatos acontecidos que retratam o cotidiano e a realidade vivida por esses cordelistas e que acompanha a realidade da maioria dos brasileiros. Nesse contexto, a autora complementa que essa forma de arte:

se expressa como uma forma de resistência de determinados grupos sociais, que contribuem para que a sua cultura não seja esquecida, expressando-a através da palavra oral e escrita. Essa forma literária representa, acima de tudo, a voz do povo, nasce como a expressão das classes menos favorecidas, embora hoje esteja nos mais altos escalões da comunicação. Essencialmente, ela nasce para dar voz as classes subalternas, aos oprimidos e foi e ainda é vista por muitos como não-arte, por ter seu nascedouro na palavra dos considerados “analfabetos”. (2018, p. 341)

Percebe-se assim, que o cordel pode ser utilizado como um importante instrumento no processo de incentivo à leitura com foco na oralidade, já que são fáceis de memorizá-los. Sendo o Cordel uma das mais expressivas formas da cultura nordestina, e nós como participantes dessa cultura não podemos deixar essa tradição desaparecer.

Acreditando que a Literatura de Cordel é um gênero textual, dinâmico e, com certeza, irá promover encantamento e envolvimento dos alunos, a escola deve abrir as portas para esta experiência e conhecimento da literatura popular como um todo, é uma conquista de maior importância.

Vale ressaltar que, segundo Diegues Jr. (1986), a contribuição da literatura popular no âmbito social foi muito grande, uma vez que, como enfatiza Almeida (2018, 341), na falta do livro e da escola, essa forma literária foi cartilha para muitos brasileiros que se alfabetizaram ouvindo e lendo histórias nos folhetos de cordel, cujo nome lhe é dado pela forma como eram vendidos pendurados em cordões, em feiras, quermesses, praças etc.

Por outro lado, Ana Marinho e Helder Pinheiro em *O cordel no cotidiano escolar* (2012), apresentam várias temáticas da literatura de cordel, de modo que reafirmam a importância da literatura popular na sala de aula e mostram a forma lúdica e agradável da leitura do cordel e a infinidade temática que essa forma literária tem. Podendo, portanto, estar em qualquer momento do aprendizado escolar.

Muitas vezes, as obras de cordéis não apresentam uma dimensão pragmática, porém conseguem se destacar pela sua estética e criação, sendo apresentada de forma lúdica e muitas vezes, com uma variedade linguística diferente da língua padrão, por isso, a maioria dos textos não é usado para o ensino de conteúdo e gramática, mas isso não quer dizer que não tenha uma ideologia voltada para o ensino. Assim, a literatura de cordel consegue recriar, de modo significativo, uma rica tradição oral, conforme se pode observar em *Viagem a São Saruê* de Manoel Camilo dos Santos:

Doutor mestre pensamento
me disse um dia: -Você
Camilo vá visitar
o país São Saruê
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.
[...]

Pois de carne assada e presunto
São cercados os campos de trigo;
Pelas ruas vão se assando
Gordos gansos que giram
Sozinhos, regados
Com branco molho de alho.
[...]
Basta pegar ao seu bel-prazer;
Carne de cervo ou de ave,
Assada ou ensopada,

Sem pagar nada.
 [...]

Corre um riacho de vinho.

As canecas aproximam-se dali por si sós,

Assim como os copos

E as taças de ouro e prata.

O cordel faz uma referência a uma viagem fantástica, trazendo imediatamente à memória a iluminação de um mundo utópico, uma terra de fartura e cheia de detalhes. O texto de Camilo surge, uma vez mais, no meio termo entre o contestar do modelo social vigente e a obediência a um discurso civilmente aceito.

O poeta relata toda a fartura existente no país de São Saruê, e o leitor nordestino estabelece uma comparação com sua região, assim podemos fazer uma analogia entre a viagem ao país de São Saruê e o país da Cocanha (um país obviamente mitológico, onde lá a terra era maravilhosa, não havia trabalho e o alimento era abundante). O poeta também ressalta em um de seus versos que nesse país as pessoas não precisam trabalhar, se ausentando de atividades cotidianas cansativas e exploradoras.

No cordel citado, o autor apresenta uma imaginação visual, rica em detalhes, se destacando pela simplicidade e pelo modo desprezioso que aborda todo aquele contexto fantasioso, fica claro que o compromisso do autor é com a fantasia, a imaginação e não com a transcrição da dura realidade em que vivemos, embora esteja implícito como já foi dito a visão do explorador sobre a terra.

Nesse contexto, é interessante observar a fala de Almeida-2 (2014, p. 9) quando comenta que:

Para se pensar o ensino de literatura é preciso, primeiro, desconstruir alguns mitos que dogmatizam essa ação como algo que traz a realidade ou a história. Devemos passar a ver o texto também em um plano simbólico e que ajuda a entender tais aspectos. É lógico que a literatura possui aspectos da realidade, cada contexto literário, a sua maneira, traz uma realidade, porque a literatura possui sua própria verdade, uma vez que transmite uma experiência entre o homem e o todo que o cerca. Nesse caso, como despertar o interesse pela literatura? Como tirá-la do contexto de inutilidade que se criou através dos tempos? Como atrair o olhar do estudante para ela, em uma sociedade em que os artificios tecnológicos mostram outras perspectivas, e o sistema de informação, cada vez mais rápido e mal utilizado, nos traz pronto o que deveria ser descoberto e construído pelo leitor?

Em *O país de São Saruê* é possível uma viagem em um mundo de fantasias e de coisas inusitadas que levam o leitor a questionar e discutir determinados assuntos, uma vez que pode

explicar de onde vêm algumas coisas que o texto mostra como se brotassem da natureza. Na verdade, tudo vem da natureza, mas há vários processos pelos quais as coisas e as matérias primas passam para poder chegar até nós. O texto pode, dessa forma, fomentar discussão a respeito do exagero industrial, do consumismo e da preservação dos recursos naturais.

Dessa forma, o texto provoca a discussão e o entendimento do mundo, tendo o professor como mediador. O texto ainda remete a percepção dos exploradores quando chegaram no Brasil e observaram que era uma terra rica que “onde se plantando tudo dá”. Dessa forma, o texto faz uma analogia irônica do que foi o Brasil para os que levaram daqui tantas riquezas.

Outra sugestão de gênero literário para ser trabalhado na sala de aula são os contos, pois é um instrumento muito rico, pode ser escrito de muitas maneiras e fala de diferentes temas. Suas narrativas podem ser buscadas tanto na fantasia quanto nos fatos do nosso dia a dia. Assim, ficção e realidade podem ser somadas para a produção de um conto.

Segundo Nadia Gotlib, em Teoria do conto (1990), o conto pode ser considerado uma narrativa curta e que se diferencia dos romances não apenas pelo tamanho, mas também pela sua estrutura, há poucas personagens, nem sempre são analisadas profundamente, há acontecimentos breves, sem grandes complicações de enredo e há apenas um clímax, no qual a tensão da história atinge o auge.

Além disso, alguns acontecimentos podem ser dispensáveis. Embora o Conto seja hoje uma forma literária reconhecida e utilizada por inúmeros escritores, além de estabelecer uma função educativa e de entretenimento, a sua origem é muito humilde. Na verdade, nasceu entre o povo, permanecendo na condição de gênero anônimo, que começou por ser relato simples e desprezioso de situações imaginárias, por meio disso começou a ocupar os momentos de lazer.

O trabalho com o conto deve partir de um reconhecimento do mesmo e, para isso, é necessário que o professor faça um levantamento prévio sobre os conhecimentos que os alunos possuem a respeito desse gênero. A partir disso, a leitura de contos se torna fundamental, pois as pessoas encontram nas narrativas ficcionais, um espaço para reflexão sobre a realidade, buscam os cenários criados pela imaginação como modo de escapar da realidade estressante em que vivem, ou leem pelo prazer propiciado pelos textos ficcionais e como se trata de uma narrativa curta da para trabalhar bem em sala de aula.

Por meio disso, a leitura de contos conquista cada vez mais a preferência dos leitores. Pois apresenta uma estrutura mais enxuta, buscando desenvolver e solucionar um conflito em

tempo relativamente curto, parece ser uma das principais razões do sucesso dos contos entre os leitores contemporâneos. Vejamos a seguir um exemplo de um conto de Carlos Drummond de Andrade, *A incapacidade de ser verdadeiro*.

Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões da independência cuspidos fogo e lendo fotonovelas. A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias. Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça: — Não há nada a fazer, Dona Coló. Esse menino é mesmo um caso de poesia.

O conto apresenta o personagem Paulo, um garoto que por ter uma imaginação muito fértil acaba sendo incompreendido, pois gosta de imaginar situações e criar histórias. Ao chegar a casa relata ter visto seres, situações e acontecimentos fantásticos e improváveis, acreditando ser a realidade concreta.

O menino era considerado incapaz de ser verdadeiro conforme o que a mãe julgava correto. Ele criava outra realidade, a “realidade” da fantasia, do sonho, da imaginação. Por isso, o título do conto revela a capacidade do personagem de ir além de uma visão comum das coisas. Após a mãe levar o filho ao médico, ele acha normal a imaginação do menino e diz que ele tem dons poéticos, chegando à conclusão de que o garoto dava outro significado às palavras e às coisas de acordo com a sua forma de ver o mundo.

Para Gagnoux (2014) o trabalho com o texto literário pode se dar de diferentes formas, além das inúmeras possibilidades que ele oferece como o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho, expressos por um jeito de falar singular, carregado de originalidade e beleza. O texto literário não pode, pois, ficar fora da escola, o professor deve entender a leitura como prática intrínseca à sala de aula. Nessa perspectiva, o texto literário pode ser uma ponte para o estímulo ao prazer da leitura e, conseqüentemente, tanto ao enriquecimento vocabular quanto ao amadurecimento da escrita.

A importância do gênero conto para o ensino é incontestável, contudo é preciso refletir a forma como ele deve ser utilizado nas aulas. Além disso, é fundamental que a visão interpretativa do aluno seja valorizada, embora o professor possa chamar atenção sobre os aspectos estéticos e estruturais do texto, procurando ser parceiro do aluno na interpretação, até mesmo para facilitar sua intervenção caso seja necessário.

Dessa forma, é importante que o professor busque modificar a visão dos alunos na escola quanto à forma de ver o texto literário, mostrando-o como um aliado para o aprendizado e não como um inimigo que traz a complexidade, pois o professor exerce um papel importantíssimo nesse processo de interação entre aluno-literatura, e pode colocar de forma positiva a relação dos alunos com as atividades propostas na sala de aula, favorecendo assim, o hábito de leitura e contribuindo para a formação da identidade dos alunos, tornando-os mais sensíveis ao texto.

O professor possibilita o surgimento da atitude concreta e positiva diante do processo de leitura, o aluno se sentirá o próprio autor das suas competências, e isso só pode realizar com a ajuda de um mediador que acredite nelas, vivenciando uma prática construtiva, tornando-se essencial a importância de uma confiança mútua, da expectativa do desempenho, nascendo aí à capacidade de aprendizagem do aluno.

Através desse pressuposto, nasce um sujeito pensante, capaz, inteligente, ativo, e, logicamente determinado em conhecer esse novo mundo de formação de um letramento que o desperte de interesse de produzir seu próprio texto com sentido mais amplo.

Percebe-se, portanto, que a literatura é uma importante aliada da escola e do professor, como instrumento pedagógico que transcende o mecanicismo das aulas tradicionais, formatadas a partir de conteúdos rígidos e emoldurados em conceitos engessados, ela permite informar, refletir, fantasiar, criar, questionar, enfim, trata-se de infinitas possibilidades que são apresentadas ao leitor que, se estimulados de maneira adequada, certamente vão se transformar em alunos leitores e mais que isso, leitores entendedores.

Diante disso, o próximo capítulo fará uma abordagem sobre a literatura infanto-juvenil no ensino fundamental II, trazendo um resgate histórico de como surgiu essa modalidade de leitura no Brasil, a importância de ofertar literatura nessa faixa etária, para assim, tornar a leitura um hábito e não uma obrigação escolar, bem como, fazer um estudo da obra “A bolsa amarela”, que é destinada ao público infanto-juvenil, buscando apresentar um pouco do universo da obra, personagens e narrativa.

CAPÍTULO II

2. LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO FUNDAMENTAL II

A literatura infanto-juvenil tem um papel muito importante para o desenvolvimento intelectual de crianças e jovens, porém, nem sempre isso foi seriamente considerado. Antes do século XVIII, a literatura era restrita a poucos. Somente crianças que pertenciam às classes mais elevadas podiam ter acesso aos clássicos da literatura, cabendo às crianças das classes populares o contato com uma literatura mais rudimentar.

Somente no final do século XIX, surgiram os primeiros livros de Literatura infanto-juvenil no Brasil, mas ainda com circulação precária e irregular. Estes livros, em sua maioria, eram traduções de clássicos europeus ou compilações de textos do folclore nacional, que não deixavam de refletir o ideal nacionalista romântico da época (MAZIERO e NIEDERAUER, 2009).

Nesse contexto que foi iniciada a Literatura infanto-juvenil brasileira, de maneira muito incipiente, já que não existiam, no Brasil, escritores voltados para essa faixa etária, Zilberman (2014, p. 15-6) aponta que:

O aparecimento dos primeiros livros para crianças incorpora-se a esse processo, porque atende as solicitações indiretamente formuladas pelo grupo social emergente. [...] O problema é que eles não tinham atrás de si uma tradição para dar continuidade, pois, no Brasil, ainda não se escreviam livros para crianças. O jeito então era apelar para uma das seguintes saídas: traduzir obras estrangeiras; adaptar para os pequenos leitores obras destinadas originalmente aos adultos; reciclar material escolar, já que os leitores que formavam o crescente público eram igualmente estudantes e habituavam-se a utilizar o livro didático; invocar a tradição popular confiando que as crianças gostariam de encontrar nos livros histórias parecidas àquelas que mães, amas de leite, escravas e ex-escravas contavam em voz alta, desde quando elas eram bem pequenas.

Desta maneira, a educação estava atrelada a concepção de status social, por isso a classe burguesa que se formava passou a reivindicar escolas. Soma-se a este cenário o fim do trabalho escravo, a chegada de imigrantes ao país e as campanhas de alfabetização lideradas e incentivadas por educadores, intelectuais e políticos. Tais campanhas fortaleceram o livro infantil, bem como seu consumo.

De acordo com Marisa Lajolo e Regina Zibermam (1985), os textos produzidos para as crianças deixavam transparecer os valores do mundo burguês, exposto de maneira

idealizada, de forma que suscitasse expectativas e proovessem padrões, comportamentais em seus receptores. O tipo de vínculo que reunia a ideologia e as intenções da classe burguesa com o texto dirigido ao público infantil reforçou o caráter pragmático do gênero e acabou comprometendo o seu reconhecimento como forma de expressão artística, bem como o desenvolvimento do gosto pela leitura. Ao longo dos séculos, o modo desse posicionamento se solidificou e muitas foram às produções que surgiram comprometidas com esse modo de encarar o texto.

No Brasil, a partir do início do século XX com Monteiro Lobato, o contexto da literatura infantil começa a mudar com o passar do tempo a literatura infanto-juvenil, traçou novos caminhos para o meio literário, conseguindo propagar esse gênero através de uma grande inovação de escritores como: Ana Maria Machado, Pedro Bandeira, Bartolomeu Campos de Queirós, Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha, Lígia Bojunga, entre outros, que dedicaram um novo olhar sobre esse tipo de texto que estava surgindo, buscando traçar uma linha reflexiva para o seu público-alvo.

Diante disso, a literatura infanto-juvenil surgiu com uma perspectiva mais democrática no que se refere a esse tipo de leitura, trazendo temas mais próximos dos jovens e rompendo um pouco com o padrão histórico dos cânones literários, com aspecto mais elitizado, sendo também uma forma de reter informações da própria educação do Brasil. Pois quem tinha mais ascensão social ou um maior poder aquisitivo tinha o acesso as melhores informações. Então, esses autores conseguiram democratizar mais o acesso a esses textos, trazendo uma nova roupagem e falando de temas mais interessantes para esse público específico.

A partir daí a literatura infanto-juvenil, foi se tornando uma forte aliada para a formação do leitor crítico e criativo, que buscava obter informações por meio de suas leituras, fazendo uma relação do que foi lida com a realidade vivenciada, e conseqüentemente a reconstrução de um novo texto, ajudando assim, na aquisição e aperfeiçoamento do conhecimento literário.

Dessa maneira, a literatura infanto-juvenil, vem buscando despertar no seu público alvo o desejo pela leitura, aguçando cada vez mais o senso crítico de seus leitores, em relação às temáticas abordadas, ocasionando assim, uma diversificação cultural no leitor e aumentando seu universo próprio, aproximando também, os leitores do mundo dos livros, proporcionando-lhes mergulhar em histórias e se sentir em personagens da mesma.

Muitas vezes, a falta de interesse pela leitura por parte dos jovens ocorre, pelo fato deles se interessarem por outros tipos de leituras, algo mais direcionado para eles, que condiz

mais com o seu período de mudanças físicas, cognitivas e sociais que, juntas, ajudam a traçar o perfil desse grupo de pessoas. Nesse sentido, Bamberger (1988, p.31) salienta:

O que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual. A percepção dessas motivações e interesses esclarece qual é a tarefa do professor: treinar jovens leitores bem-sucedidos, apresentando-lhes o material de leitura apropriado, de modo de que o êxito não somente inclua boas habilidades de leitura, mas também o desenvolvimento de interesses de leitura capazes de durar a vida inteira (BAMBERGER, 1988, p. 31).

Nesta direção, Zilberman (2003), afirma que a literatura desempenha uma função de conhecimento, pois relaciona-se com o desenvolvimento do real por meio da fantasia infantil, pois proporciona ao leitor o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais.

É muito comum ouvir dos professores que os jovens não leem. Porém o que ocorre é que está havendo uma imposição cultural de prática da leitura, ou melhor, de determinados textos tidos como clássicos. No Brasil, também há jovens escritores que estão fazendo sucesso narrando o fantástico para o público jovem, como Luis Eduardo Matta e Thalita Rebouças, que escreve sobre a dor e a alegria de ser adolescente. E os jovens se sentem representados, através de histórias de amor, de mistério, de imortalidade, contadas na sua linguagem, sem imposições: em suma, eles querem ler as suas emoções, as suas vidas nos livros.

Através dessas questões, pode se afirmar que a juventude procura ler o que mais gosta e se identifica. Assim, os jovens são leitores em formação, e cabe aos professores direcionar um olhar especial para o gosto dos alunos. Fazendo-se necessário, mais do que nunca, que os professores acolham seus alunos e suas leituras. Muitas vezes não há tempo para ler tudo o que está sendo produzido e direcionado para o público jovem, mas é preciso conhecer e aceitar esta nova modalidade literária. É preciso que saibamos o porquê do encantamento com os estes textos.

Sabe-se que adolescência é a fase do desenvolvimento humano que faz uma ponte entre a infância e a idade adulta. Assim, é possível enfatizar que o gosto do leitor, sobretudo o leitor infanto-juvenil é, muitas vezes, deixado de lado. Tendo em mente o fato de que o leitor é alguém a quem cabe seduzir e convencer e que competir com os divertimentos virtuais não é uma tarefa fácil para os professores e os pais, que tentam estimular o gosto pela leitura nas crianças e jovens.

Nesse sentido, o professor é um dos principais responsáveis pela transmissão do conhecimento, se faz necessário que ele busque refletir como está sendo aplicado o ensino da literatura infanto-juvenil especialmente no fundamental II, por se tratar de uma faixa etária que está num período de transição. Assim, é fundamental que o professor observe se essa prática está sensibilizando as suas turmas e atraindo elas para a aula. É por meio disso, que podemos dizer que os jovens são leitores em formação, e cabe ao professor direcionar um olhar mais atencioso em relação ao gosto de seus alunos, como destaca Bamberger (1988).

Tomando a literatura como expressão artístico-cultural, a preocupação da escola, na incessante busca da formação do leitor, deve ser movida no sentido de encontrar as relações socioculturais que tornem a leitura interessante ao aluno. Quanto ao que deve ser oferecido a ele, Bordini e Aguiar (1988, p. 20) explicitam que “[o] interesse pela leitura varia em qualidade, de acordo com a escolaridade do aluno”.

A literatura infanto-juvenil é muito importante não só para a formação de um leitor, ela contribui para que os professores repensem as suas práticas pedagógicas, buscando modificar, se necessário, os seus procedimentos metodológicos, trazendo a literatura para um ambiente acolhedor. Nesse contexto, para que os alunos se sintam motivados pela leitura escolhida pelo professor é importante que ele direcione um olhar mais atencioso em relação ao gosto dos seus alunos.

Vale destacar a importância do acesso a literatura desde cedo, pois as fases da vida humana que compreendem a infância e a adolescência são as etapas mais importantes e significativas do desenvolvimento humano. Para Piaget (1896-1980), o desenvolvimento cognitivo classifica-se em quatro etapas e comprova que os seres humanos passam por uma série de mudanças previsíveis e ordenadas, ou seja, em geral, todos os indivíduos vivenciam todos os estágios na mesma sequência, no entanto o início e o término de cada estágio sofrem variações, dadas às diferenças individuais de natureza biológica ou do meio ambiente em que o indivíduo está inserido.

Com base nisso, há muitas preocupações em relação às indicações de leituras por idades, para isso é possível se basear nos estudos de Jean Piaget sobre esse desenvolvimento da fase humana. No entanto, é importante também observar o aluno não só na sua faixa etária, mas também na sua maturidade cognitiva, na sua realidade social, econômica, psicológica e na diversidade existente em sala para que não haja arbitrariedade por parte do professor. Filipouski (1982), faz um comparativo entre as fases de desenvolvimento do ser humano e a possível pertinência de cada tipo de leitura, dispostas a seguir no quadro 1.

Quadro 1- Fases do desenvolvimento da criança e respectivo interesse pela leitura

Idade	Desenvolvimento cognitivo	Desenvolvimento da leitura	Interesse de leitura
3 a 6 anos	Pensamento pré-conceitual: Construção dos símbolos. Mentalidade mágica. Indistinação eu/mundo.	Pré-leitura: Desenvolvimento da linguagem oral. Percepção e relacionamento entre imagens e palavras: som, ritmo.	Livros de gravuras, rimas infantis, cenas individualizadas.
6 a 8 anos	Pensamento intuitivo: Aquisição de conceitos de espaço, tempo e causa. Ainda mentalidade mágica. Autoestima. Fantasia como instrumento para compreensão e adaptação ao real.	Leitura compreensiva: Textos curtos. Leitura silábica e de palavras. Ilustração necessária: facilita associação entre o que é lido e o pensamento a que o texto remete.	Aventuras no ambiente próximo: família, escola, comunidade, histórias de animais, fantasias, e problemas infantis.
8 a 11 anos	Operações concretas: Pensamentos descentrados da percepção e ação. Capacidade de classificar, enumerar e ordenar.	Leitura interpretativa: Desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler e compreender textos curtos e de leitura fácil, com menor dependência da ilustração. Orientação para o mundo	Contos fantásticos, contos de fadas, folclore, histórias de humor, animismo
11 a 13 anos	Operações formais: Domínio das estruturas lógicas do pensamento abstrato. Maior orientação para o real. Permanência eventual da fantasia.	Leitura informativa ou factual: Desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler textos mais extensos e complexos quanto à ideia, estrutura e linguagem. Introdução à leitura crítica.	Aventuras sensacionalistas: detetives, fantasmas, ficção científica, temas da atualidade, história de amor.
13 a 15 anos	Operações formais Descoberta do mundo interior. Formação de juízos de valor.	Leitura crítica Capacidade de assimilar ideias, confrontá-las com sua própria experiência e reelaborá-las em confronto com material de leitura.	Aventuras intelectualizadas, narrativas de viagens, conflitos psicológicos, conflitos sociais, crônicas, contos.

Fonte: Adaptado de Filipouski (1982, p. 109).

Esta classificação etária proposta por Piaget, no entanto, é utilizado como suporte teórico para verificar rapidamente as características dos estágios do desenvolvimento, que servem de parâmetro para uma possível aplicação na leitura, também considerada sob a forma de estágio de desenvolvimento. Apesar disso, não podemos determinar e nem impor o tipo de texto que será trabalhado com os alunos, é necessário levar em consideração o gosto das crianças, pois cada uma é diferente da outra. Por isso, é necessário que a mediação do professor seja de acordo com a necessidade de seus alunos, pois não pode fechar o aluno em uma caixinha, onde só se pode ler e interpretar o que o professor quer. Por outro lado, vivemos em um período de tecnologia informativo muito avançado, os jovens preferem sempre o aparelho celular, o tablete, o computador, então se pode aproveitar também esses recursos em favor da leitura.

Por meio disso, é possível afirmar que o texto literário não vai ser escolhido apenas pela sua faixa etária, mas também pelo gosto pessoal de cada um, seja criança, jovem ou adulto. Pois, esse é um fator muito importante, que de certa forma, vai influenciar no nível de compreensão do leitor, é válido ressaltar, que não são somente os professores que devem conhecer as indicações da leitura, pois essa também é uma tarefa dos pais.

É importante que os textos literários retratem o momento pelo qual os jovens estão passando, representando os seus conflitos e dramas interiores, além disso, eles podem retratar a própria vida desses adolescentes de alguma forma, apresentando as suas paixões, gostos, aventuras ou até mesmo os seus desejos reprimidos, coisas que eles têm vontade de fazer, que admiram, mas que não tem coragem de externalizar, esse é o momento também de muitas transformações físicas e psicológicas para os adolescentes e através dos textos literários eles podem encontrar uma fuga, um refúgio para essas questões.

Essa fase em que se encontram os alunos do fundamental II, particularmente os últimos anos, se torna difícil, pois os alunos estão enfrentando a fase de transição, deixando de ser criança e entrando em um novo universo que é a adolescência, por isso, na maioria das vezes, eles enfrentam grandes crises de identidade e sofrem por não conseguirem transmitir o que estão sentindo. É nesse momento, que os professores devem direcionar esses jovens para o mundo da leitura, para que eles possam compreender o que estão passando.

Porém, um dos grandes desafios para conseguir direcionar a atenção dos alunos para o mundo da leitura, é que cada vez mais a sua atenção está sendo disputada por uma série de atrativos digitais, como os aparelhos eletrônicos, deixando cada vez mais os instrumentos

convencionais de leitura e escrita. Tornando-se ainda mais difícil atingi-los e incitá-los a ler por gosto.

Para os educadores, ler os livros clássicos faz com que as crianças e os jovens consigam formar referências culturais e, portanto, sejam capazes de aprofundar o conhecimento sobre o mundo e analisar os fatos de modo mais profundo presentes na obra. No entanto, as leituras dos materiais impressos não são o único caminho, os meios tecnológicos também proporcionam infinitas possibilidades no mundo digital. Por meio do uso das tecnologias, abre-se um espaço para o surgimento de alguns ambientes virtuais e estes, estão cada vez mais presentes na vida das pessoas, provocando mudanças nos processos de produção de leitura e escrita.

A maioria dos jovens ultimamente está lendo somente aquilo que interessa a eles mesmos, podendo levar à perda da aptidão para analisar situações com mais profundidade. Dessa forma, o jovem está cada vez mais informado através dos meios virtuais, entretanto não aprofunda o conhecimento que os textos literários podem oferecer. É aí que entra a habilidade do professor em oferecer o texto e tentar aproveitar também o que já faz parte da vida do aluno. Uma boa estratégia é utilizar uma linguagem simples, com temas que aproxime a prática docente ao que os alunos estão acostumados no seu dia a dia e nas suas relações sociais, assim, trazer temáticas relacionadas a redes sociais, games, moda, músicas, pode ser uma estratégia para aproximar os alunos da leitura, depois que eles começarem a ler textos que em um primeiro momento pode não ter muita relevância acadêmica, pouco a pouco eles vão criando o hábito da leitura e buscando novos textos, novas temáticas.

O ato de ler e escrever ganhou novos suportes, pois, hoje o livro impresso está perdendo cada vez mais espaço para o livro digital (e-books), essa é uma realidade que oferece um vasto grau de interatividade com o leitor, mas a leitura não deixou de ter seu papel significativo no acesso à informação e nas relações sociais do ser humano com o mundo.

Nesse âmbito, a escola não pode ignorar essas mudanças tecnológicas, particularmente no que diz respeito ao trabalho com o público infanto-juvenil, a maioria desses sujeitos faz uso habilmente dos aparatos tecnológicos como parte intrínseca de sua vida cotidiana. Sendo assim, um dos grandes desafios da educação adequar o currículo escolar e seus conteúdos ao universo vivenciado pela maioria de seus discentes, por meio do uso de recursos tecnológicos de forma mediadora na prática pedagógica pode se trabalhar com gêneros textuais, pesquisas, leitura de contos, leitura de imagens, produção escrita entre outras atividades.

Dessa maneira, o uso da internet e dos meios digitais oferece pontos positivos e negativos, assim, como foi discutido nos parágrafos acima. Independentemente dos recursos utilizados para fazer a leitura, se faz necessário que os jovens comecem a perceber a devida importância de ler textos literários, pois isso vai contribuir para formação pessoal, além de se tornar uma ponte para o acesso a outros tipos de textos, e a partir daí ingressar em outras leituras mais complexas, tornando-os adultos leitores, mais críticos e informados.

Diante do exposto, fica claro a importância da leitura adequada a cada faixa etária, bem como, a importância do estímulo a essa prática, buscando sempre ofertar textos diversos, com temáticas que prendam a atenção do leitor em potencial. Nesse contexto, o próximo capítulo trará uma análise da literatura infanto-juvenil à luz da obra *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga.

CAPÍTULO III

3. LITERATURA INFANTO-JUVENIL: A *BOLSA AMARELA*, UM LIVRO EM PROCESSO DE ANÁLISE

Dentro do que foi apresentado com relação à importância da literatura na faixa etária que compreende o fundamental II e tendo evidenciado os diversos autores que tratam dessa temática, exemplificando algumas obras direcionadas especificamente a esse público, optou-se por escolher o livro “A bolsa amarela”, como objeto central dessa análise dado a linguagem que é apresentada nesse livro e as questões abordadas por ele que são recorrentes na vida de muitos desses adolescentes.

É nesse contexto, que se enquadra a obra da autora Lygia Bojunga Nunes, tendo em vista que suas histórias, além de serem capazes de despertar emoções e sentimentos que são indispensáveis para o processo de construção da identidade, também são fontes de críticas que ela dirige à sociedade de forma geral. A autora, por meio de suas obras permeadas do real e do fantástico, atinge o objetivo social da literatura com grandiosidade, pois, além de utilizar-se de uma rica linguagem simbólica para despertar o interesse de leitura, possibilita ao seu leitor um exercício de reflexão acerca do seu papel na sociedade.

A escolha do livro *A Bolsa Amarela* como objeto de análise nesse trabalho, se deu devido a uma das características de suma relevância na obra de Bojunga que é o uso de metáforas e a perspectiva existencialista que se encontra com os conflitos adolescentes, uma vez que Raquel, protagonista da obra questiona suas próprias ações e pensamentos ao tempo em que questiona também a sociedade, a família e as ações das pessoas em geral. Sandroni (1980, p. 11). Através dela, a autora aborda verdades que precisam ser refletidas, repensadas por crianças e adolescentes que estão começando a fazer parte de uma sociedade desestruturada e por adultos que se mostram passivos e coniventes com as contradições do mundo real, envolvendo toda a população.

Essa análise visa auxiliar o professor no seu trabalho de ensino e estímulo ao hábito da leitura literária, focando no desenvolvimento da afetividade, autoconhecimento, respeito às diferenças e solidariedade, afim de que as crianças e adolescentes exercitem a cidadania, pois com o hábito de uma boa leitura, é possível reformular e reconstruir conceitos esquecidos ou reprimidos e adquirir condições de expor ideias e tomar decisões.

É importante destacarmos, nessa análise, o modo como a autora relaciona os desejos de Raquel, protagonista do romance, com a realidade sócio-histórica; analisando como a

narrativa, de um modo geral, envolve o leitor em seus dramas independente da faixa etária, possibilitando uma identificação com a personagem; e, ainda, perceber como os espaços definem o fantástico e como colaboram para o inusitado. Nesse sentido, é interessante observar o que diz Cortázar ao se referir ao gênero conto:

É preciso chegarmos a ter uma ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem para o abstrato, para a desvitalização de seu conteúdo, enquanto que, por sua vez, a vida rejeita esse laço que a conceitualização lhe quer atirar para fixá-la e encerrá-la numa categoria. Mas se não tivermos a ideia viva do que é um conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a profunda ressonância que um grande conto tem em nós, e que explica também por que há tão poucos contos verdadeiramente grandes (CORTÁZAR, 2013, p.150-151):.

Cortázar fala do conto de um modo geral, mas em relação a literatura para o público infantil e adolescente não é diferente, porque as simbologias nos textos literários vão ao encontro do eu que partilha incondicionalmente das situações vividas nas narrativas, como uma ressonância entre o que está dito e o que está no interior do leitor. O texto literário tem vida própria e alguns aspectos vão se encontrando com cada leitor de forma diferente.

Para Cortázar, um texto atinge sua excepcionalidade quando marca o leitor de alguma forma. Assim, não sabemos qual será para cada leitor qual será o texto excepcional, mas podemos oferecer uma gama deles e deixar que o próprio leitor o eleja. Fizemos aqui uma breve análise do livro “A bolsa amarela”, mas poderia ser outro qualquer, o importante é mostrar que cada um deles tem algo a oferecer e o faz de forma diferente para cada leitor. Nesse contexto, o próprio Cortázar afirma que: “De um conto assim se sai como de um ato de amor, esgotado e fora do mundo circundante, ao qual se volta pouco a pouco com um olhar de surpresa, de lento reconhecimento, muitas vezes de alívio e tantas outras de resignação” (CORTÁZAR, 2013, p.231).

Deixemos aqui nossas impressões sobre o conto em estudo e esperamos que a curiosidade possibilite a aproximação com o mesmo, para que o próprio leitor possa tirar dele suas concepções analíticas. Ressaltamos, no entanto que o conto de Bojunga traz aspectos do maravilhoso ao dar vida e voz a objetos inanimados e coloca-los como agentes que interferem na vida dos personagens. No contexto do maravilhoso nos contos, Marina Colassanti diz que:

Escrever contos maravilhosos é, para mim, navegar em um rio de uma única margem, a terceira. E navegar sem leme, na correnteza. Sem propósito, sem planejamento, sem querer demonstrar coisa alguma, esquecendo a ironia. É querer, muito, ouvir novas histórias na cabeça. E contá-las (COLASANTI, 2015, p.422-423).

Colasanti é considerada uma das mais relevantes escritoras modernas e suas obras estão em contato tanto com o público adulto quanto com os mais jovens, ou seja, ela escreve para o adulto e para o adolescente e seus contos tanto permeiam a perspectiva do maravilhoso quanto do realismo.

3.1 ADENTRANDO A OBRA

A *bolsa amarela* conta a história de uma menina chamada Raquel, a filha mais nova de quatro irmãos. Logo no início da narrativa percebemos o conflito da menina por alguns motivos, entre eles o fato de ter nascido muito depois dos outros irmãos e achar que não deveria ter nascido, porque os próprios irmãos achavam assim e também diziam que a mãe não queria ter mais filhos.

É interessante porque a menina questiona que se a mãe não queria mais filhos então porque ela nasceu? Ou ainda, os filhos só deveriam nascer se as mães quisessem. Nesse contexto, a menina já põe em discussão a questão do domínio do corpo pela mulher, da gravidez indesejada e também da inconsequência de engravidar sem pensar na vida futura do ente que vai nascer. A personagem começa a expor sua relação familiar para o leitor, questionando o seu nascimento, ao amigo imaginário, podendo ser observado a partir do fragmento abaixo:

Querido André:

Quando eu nasci, minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo[...] Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe não tinha mais condição de ter filho. Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é? (BOJUNGA, 2017, p. 12).

A partir da citação acima, é possível verificar a construção familiar de Raquel, a personagem se sente muito triste por saber que a sua mãe não queria ter mais filho e mesmo assim ela veio ao mundo. Além desse fator, a menina acha que está sobrando no meio daquela família cheia de adultos, pois os seus desejos e fantasias de crianças nunca são levados em consideração e por meio disso ela começa a criar os seus amigos imaginários com os quais ela vai desabafando todas as suas angústias. Essa é uma problemática que aparece logo no início

da história e que remete à realidade de várias famílias e crianças que se sentem exatamente como Raquel, que embora não saibam manifestar seus sentimentos, acabam reprimindo os seus desejos e vontades.

A personagem, protagonista da história, vive com os pais, um irmão e duas irmãs, ela era a filha mais nova e por isso ela sempre dizia: “[...] todo mundo já é grande, menos eu [...]”. (BOJUNGA, 2017, p. 12). Por causa disso, Raquel sempre alegava que a sua família não tinha tempo para ela, que todos estavam sempre ocupados, por esse motivo ela se sentia muito incompreendida pelos seus familiares.

Oi, André!

O pessoal aqui em casa até que se vira: meu pai e minha mãe trabalham, meu irmão tá tirando faculdade, minha irmã mais velha também trabalha, só vejo eles de noite. Mas minha irmã mais moça nem trabalha nem estuda, então toda hora a gente esbarra uma na outra. Sabe o que é que ela diz? Que é ela que manda em mim, vê se pode. Não posso trazer nenhuma colega aqui: ela cisma que criança faz bagunça em casa. (BOJUNGA, 2017, p. 12).

Percebe-se que esses fatores contribuem para os sentimentos de Raquel. Os medos e carências da menina começaram a existir justamente pelo fato de ela ter uma vivência solitária e morar num apartamento somente com adultos. Por meio disso, Raquel relata para a sua amiga imaginária, Lorelai, que sente muita falta da união que a sua família tinha antes de vir para a cidade, que quando eles moravam na roça eram felizes, não havia briga e ninguém ficava com cara feia. Essa situação é bem comum nas famílias atuais, pois uma grande parte acaba deixando de lado os verdadeiros valores familiares, dedicando-se ao máximo ao trabalho e deixando de lado os filhos, não dando atenção necessária que eles precisam.

Através desse pensamento, Raquel cria uma amiga imaginária e começa a escrever para ela, dizendo que está decidida a fugir com ela para o quintal, dessa maneira, pode-se analisar esse quintal como um elemento que representa, para a personagem, a possibilidade de fuga, de ambiente livre e que representa a sua infância feliz. Todas essas questões podem ser observadas no trecho a seguir:

Lorelai:

Era tão bom quando eu morava lá na roça. A casa tinha um quintal com milhões de coisas, tinha até galinheiro. Eu conversava com tudo quanto era galinha, cachorro, gato, lagartixa, eu conversava com tanta gente que você nem imagina, Lorelai. Tinha árvore pra subir, rio passando no fundo, tinha cada esconderijo tão bom que a gente podia ficar escondida a vida toda que ninguém achava. Meu pau e minha mãe viviam rindo, andavam de mão dada, era uma coisa muito legal da gente ver. Agora tá tudo diferente: eles

vivem de cara fechada, brigam à toa, discutem por qualquer coisa. E depois toca todo mundo a ficar emburrado. Outro dia eu perguntei: o que é que tá acontecendo que toda hora tem briga? Sabe o que é que eles falaram? Que não era assunto para criança. [...] (BOJUNGA, 2017, p. 19).

Como foi possível observar, a personagem acaba relatando as suas memórias de um tempo feliz que viveu com a sua família e demonstra muita tristeza por a sua família não está mais assim, que em virtude da correria da cidade, do trabalho, das responsabilidades, os pais se mostram muito ausentes e até mesmo os seus irmãos, que por serem grandes, não dão a devida atenção para ela e nem leva as suas ideias, vontades e sonhos em consideração.

Além disso, Raquel se sente muito injustiçada por perceber que o seu irmão quer mandar nela, não só apenas por ele ser mais velho, mas sim por ser menino, por causa desses fatos, a protagonista começa a querer ser gente grande e também gostaria de ter nascido menino, já que ela observa, na sua própria família e na escola, que a figura masculina tem mais privilégios e o poder de mandar em tudo e em todos. Devido isso, ela acaba inventando histórias cheias de personagens, que fazem parte de toda a história do livro, juntando o mundo real da família ao mundo criado por sua imaginação fértil e povoado de amigos secretos e fantasia.

Dessa forma, o romance já inicia problematizando várias situações de uma realidade social que resiste até os dias atuais, um patriarcalismo injusto e desigual. Assim, a menina Raquel tem três grandes vontades: a de se tornar escritora, a vontade de ser gente grande e a de ter nascido menino. Por ter essas vontades, Raquel se encontra em vários conflitos. Por conta disso, a personagem do livro vive questionando o mundo dos adultos, fazendo descobertas e encontrando a resposta para os seus questionamentos por si mesma, através das histórias e dos personagens que cria e com quem interage, trazendo assim, um mundo à parte para que o leitor possa partilhar de seus anseios, receios, desejos e opiniões, uma vez que não é escutada pelos adultos e nem vista como importante, já que criança, segundo Raquel, o adulto, não sabe de nada.

Com sua imaginação fértil e com seus amigos secretos, a personagem central constrói uma narrativa instigante e renovadora, fazendo o leitor mergulhar no mundo de fantasia. A obra possui diversos personagens, mas para essa análise serão levados em consideração especialmente a personagem Raquel, a Bolsa amarela e o Galo Afonso, pois esses três conseguem transitar durante todo o enredo, contribuindo para que o leitor consiga perceber fatos cotidianos através de suas aventuras e imaginação.

Certo dia, Raquel ganhou uma bolsa amarela, que foi enviada pela tia Brunilda. A partir daí, a bolsa passou a ser o lugar onde Raquel guardava suas invenções e suas vontades. É interessante observar que a menina tanto dar aos animais a condição de humanos, até porque se sentia em pé de igualdade com eles, uma vez que não tinha a atenção dos adultos e por esses acharem que criança não pensa, Como ela dava vida também aos objetos inanimados, a exemplo de uma sombrinha, um alfinete e a própria bolsa amarela que se torna, na verdade, um personagem muito importante na obra, a ponto de nomear o livro.

A bolsa centraliza toda narrativa e ganha status de humano uma vez que a menina mostra os bolsos da bolsa como filhos e tudo ela guardava lá dentro. A bolsa amarela acaba por ser a casa de dois galos, de um guarda-chuva, de um alfinete e de muitos pensamentos e histórias inventadas pela personagem.

A menina possui um grande poder imaginativo, através de suas histórias ela cria amigos secretos. Logo no início do livro é possível perceber o desejo da protagonista de se tornar um menino, essa vontade vai se tornando cada vez forte como pode ser visto no fragmento do texto a seguir:

-É, sim. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo de jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear e fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter a cara nos estudos [...]
(BOJUNGA, 2017, p.16).

O trecho, apresentado, faz uma crítica ao lugar da mulher na sociedade, tocando nas questões de gênero fincadas em uma sociedade patriarcal e paternalista, onde existe uma clara separação entre “brincadeira de menino” e “brincadeira de menina”, “sonhos de menino” e “sonhos de menina”, uma sociedade que a atribui à mulher, desde criança até a vida adulta, uma inferioridade frente aos homens. Assim, através da obra, a personagem se mostra indignada com esses padrões que por séculos foi convencionado e começa a questionar e manifestar o seu desejo de fazer “coisas de menino”, liderar brincadeiras, jogar futebol, soltar pipa, entre outras.

A autora usa o texto intencionalmente para provocar uma reflexão entre esses jovens, representando esse sentimento de desigualdade da figura feminina de forma sutil e simbólica, para que assim, tanto os meninos quanto as meninas reflitam sobre a igualdade de gêneros e

que essa discussão seja levada para a esfera social e familiar. Tais questões precisam ser debatidas, desconstruídas, para esses paradigmas que ainda são socialmente aceitos possam ir sendo progressivamente quebrados.

Porém, com o passar da história, essa vontade de ser menino começou a “emagrecer”² e se tornar pequena, por que Raquel reconheceu a sua identidade feminina através da concretização da sua escrita, que expressava o seu desejo de vida real. Assim, é possível perceber que algumas de suas frustrações estavam sendo resolvidas, pois ao mesmo tempo em que ela adquire a sua identidade feminina, ela também está enaltecendo o seu grande poder imaginativo, ressaltando as características da figura feminina, criadora e escritora.

3.1.1 As vontades de Raquel

A personagem principal da história é Raquel, uma menina muito sonhadora que guardava dentro de si três grandes vontades: deixar de ser criança, ter nascido garoto e de ser escritora. A partir desse conflito, a menina, sensível e criativa, divide-se em dois mundos, o real e o imaginado, estabelecendo entre eles uma relação muito profunda, da qual nos dá conta ao mostrar ora as incoerências do primeiro, ora as descobertas feitas no segundo. Devido o seu grande poder imaginativo, a menina vivia procurando um lugar que pudesse esconder todas essas vontades, como é possível observar no trecho do livro a seguir:

Eu tenho que achar um lugar para esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenininha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não aguento mais o meu. Vontade assim todo mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras - as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida -, ah, essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum. Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever. (BOJUNGA, 2017, p.09)

Através da citação acima, a autora consegue aproximar o leitor da personagem, possibilitando ao mesmo, uma auto avaliação de seus desejos. Ao observar a protagonista lutando para esconder as vontades onde ninguém possa encontrar, fica perceptível assim, que essa busca incessante de Raquel querer guardar as suas vontades se deve ao fato de ela apresentar sonhos que seriam reprimidos pela sociedade, caso ela expressasse para as pessoas

² A vontade começou a emagrecer por que é um termo usado pela própria Raquel, ao falar de suas vontades, ela consegue traduzir a intensidade e importância de suas vontades através dos termos gordo ou magro.

quais eram as suas vontades enquanto menina. Então, a partir do momento que ela ganha a bolsa amarela, começa sua autodescoberta e a satisfação de seus desejos.

A bolsa grande com seus bolsinhos vai proporcionar a ela um esconderijo para suas vontades, já que a bolsa tinha sido rejeitada por toda família e dada a ela justamente porque não interessou a mais ninguém, então não havia perigo de alguém procurar o que estaria dentro da bolsa, ou seja, o que poderia se guardar naquela bolsa não tinha importância. Veja-se que a menina se coloca em cumplicidade com a bolsa na questão da rejeição da família, mesmo se tratando de um objeto inanimado, pois era assim que Raquel se sentia quando ninguém lhe dava importância, até as roupas vinham para ela quando ninguém mais as queria.

Devido essas vontades, a menina também costumava ser incompreendida pelos familiares, e por isso acabava entrando em vários conflitos, até que um dia a sua tia Brunilda, enviou diversos pacotes, contendo roupas, sapatos e uma bolsa amarela. A sua mãe e irmãs logo foram conferir o que tinha chegado, mas nenhuma delas se interessou pela bolsa, devido isso, Raquel pega a bolsa para ela, pois ninguém queria e daí por diante começou a guardar suas vontades dentro desta bolsa:

Cheguei em casa e arrumei tudo que eu queria na bolsa amarela. Peguei os nomes que eu vinha juntando e botei no bolso sanfona. O bolso comprido eu deixei vazio, esperando uma coisa bem magra pra esconder lá dentro. No bolso bebê eu guardei um alfinete de fralda que eu tinha achado na rua, e no bolso de botão escondi uns retratos do quintal da minha casa, uns desenhos que eu tinha feito, e umas coisas que eu andava pensando. Abri um zíper; escondi fundo minha vontade de crescer; fechei. Abri outro zíper; escondi mais fundo minha vontade de escrever; fechei. No outro bolso de botão espremi a vontade de ter nascido garoto (ela andava muito grande, foi um custo pro botão fechar). Pronto! a arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades estavam presas na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas. (BOJUNGA, 2017, p. 29-30)

De acordo com a citação acima é possível notar que cada bolso da bolsa apresentava uma determinada função, podemos ressaltar aqui o bolso bebê que está relacionado com a imagem que ela queria ter da mãe, a mãe é uma figura completamente ausente, é como se a mãe não assumisse o mesmo papel que a bolsa assume com os filhos dentro da bolsa. Há uma grande simbologia entre a concepção dela de mãe e da bolsa, pois a bolsa guarda todos os filhos.

A forma como Raquel guardava as suas vontades se mostra um pouco diferente, pois sempre é necessário que os nossos desejos sejam externalizados de acordo com o nosso

pensamento. É por meio disso, que a obra provoca no leitor uma grande hesitação, na busca de explicar o real e o imaginário.

Após a arrumação da bolsa e a vontade de escrever estava se tornando cada vez maior, entretanto, isso não era levado em consideração pelos seus familiares, acreditando ser bobagem, a família dela sempre ria de suas histórias. A menina então passa a viver em um mundo de faz-de-conta embora, no universo dos adultos, tudo isso não passe de bobagens, como atesta o irmão na conversa sobre a invenção do amigo André, que ele achava se tratar de um namoradinho da escola:

- Puxa vida, quando é que vocês vão acreditar em mim, hem? Se eu tô dizendo que eu quero ser escritora é porque eu quero mesmo.
- Guarda essas ideias pra mais tarde, tá bem? E em vez de gastar tempo com tanta bobagem, aproveita pra estudar melhor. Ah! E olha: não quero pegar outra carta do André, viu?" (BOJUNGA, 2017, p. 18)

É possível observar aqui um ponto muito importante, a garota está sendo repreendida pelo seu irmão mais velho, tendo que abortar o seu grande desejo de escrever, entretanto ela não se dá por vencida e acaba criando novos personagens: “É o seguinte: eu resolvi que vou ser escritora, sabe? E escritora tem que viver inventando gente, endereço, telefone, casa, rua, um mundo de coisas” (BOJUNGA, 2017, p. 18).

Ela dá vida também, a outro personagem na história um ser inanimado, mas que no mundo criado por Raquel, pode ter, também, vontades. Assim, a Guarda-Chuva, que queria ser grande e pequena ao mesmo tempo, representando esse desejo de ser adulta, criança e ainda ser mulher. A personagem cria uma história muito interessante para a criação do guarda-chuva como podemos verificar na citação abaixo:

Na hora do guarda-chuva nascer, quer dizer, na hora que ele foi feito, o homem lá da fábrica que era um cara muito legal e que gostava de ver as coisas gostando do que elas tinham nascido perguntou:
-Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher?
E ele respondeu: mulher.
O homem então fez um guarda-chuva menor que guarda-chuva homem. E usou uma seda cor-de-rosa toda cheia de flor. O cabo ele não fez reto não: disse que guarda-chuva mulher tinha que ter curva.
E pendurou no cabo uma correntinha que às vezes guarda-chuva homem não gosta de usar. (BOJUNGA, 2017, p. 48)

Através da citação acima, é possível observar que o guarda-chuva conseguiu despertar em Raquel novamente à vontade e a beleza de ser mulher, pois como já foi discutido anteriormente, ela tinha certo encantamento por ser homem, por a figura masculina poder tudo

e ter certos privilégios, e com o guarda-chuva ela começou a despertar novamente esse encantamento pelo universo feminino. Além disso, é possível perceber questões socialmente construídas da fragilidade feminina, quando diz que ele tem que ser menorzinho, que tem que ter curvas, que tem que ter esse tecido delicado e rosa.

Ainda vale ressaltar a vontade da personagem de querer continuar sendo pequena, despertando para a magia do universo infantil um mundo cheio de fantasias, mas também mostrando a possibilidade de crescer, e mesmo assim permanecer com a alma jovem. Dessa maneira, é possível relacionar o guarda-chuva por ser retrátil com uma alusão ao mundo adulto que também tem a possibilidade de ser criança e de viver o encantamento desse mundo infantil.

Além do guarda-chuva, outro elemento bastante significativo é O Alfinete de Fraldas que é a criança que a protagonista resolve guardar dentro de si, exprimindo não apenas a criança - Raquel, mas a criança - ser social; de história curtiinha, abandonada e enferrujada (embora sem uso). Resgatado e guardado, portanto protegido, o Alfinete de Fraldas, agora, exerce função muito importante: a de fiscalizar e controlar as suas próprias vontades. Quanto ao pessoal da Casa de Concertos, podemos entendê-lo como o ideal de família alimentado socialmente. Dessa forma, é possível compreender a protagonista da obra como um ser de grande imaginação, pois mesmo apesar de ser repreendida, ela conseguia criar histórias e personagens, garantindo-lhe, sua afirmação plena como pessoa: mulher, escritora e criança.

3.2 OBSERVANDO ALGUMAS SIMBOLOGIAS NA OBRA

Partimos agora, para a análise de alguns aspectos simbólicos presentes na narrativa de Lygia Bojunga, pois os símbolos na obra vêm apresentados de forma figurada como um meio de transcender a realidade. É possível dizer ainda que alguns desses personagens adquirem um significado mais profundo na trama narrativa, podendo ser relacionados à interioridade de Raquel, Segundo (ELIADE, 1991, P. 8-9).

O pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser.

De acordo com o exposto acima as construções simbólicas podem ser criadas a partir da realidade do ser humano podendo atuar de diversas maneiras, assim também é na literatura, pois ela expressa através de símbolos as experiências humanas e por meio disso, os símbolos são criados para tal representação como é perceptível na Literatura infantil e juvenil.

Partindo desse pressuposto, analisaremos a seguir alguns elementos presentes no livro “A bolsa amarela” que está relacionada à simbologia e a alguns elementos figurativos, como: (um galo, um alfinete, um guarda-chuva, um galo de briga) que a ajudam a resolver os seus conflitos e convidam o leitor a uma reflexão sobre conflitos, sonhos e inseguranças.

3.2.1 Os sonhos de Raquel

Uma menina criativa e com um alto poder imaginativo, fazendo com que o leitor possa enriquecer cada vez mais no que concerne a identidade de criança, porque a menina mostra outras formas de ser e de pensar. Dessa forma, os aspectos simbólicos encontrados na obra vão possibilitar o aumento de conhecimento de mundo da criança, pois através do imaginário, ela desenvolve os diversos papéis sociais, aprendendo com cada um deles e podendo, assim, reproduzir o que encontra na leitura. O livro “A bolsa amarela” é composto por várias perspectivas simbólicas, possibilitando ao leitor o desenvolvimento da imaginação. Para se analisar esses elementos presentes no livro, deve-se levar em consideração o imaginário da personagem protagonista, assim como o contexto em que o ela está inserida.

Pode se dizer que a imaginação e os devaneios são muito importantes para a construção dessa narrativa, uma vez que, segundo Gaston Bachelard (2009, p. 5) “o devaneio é uma fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consistente. Seguindo a ‘inclinação do devaneio’ – uma inclinação que sempre desce -, a consciência se distende, se dispersa [...]. Sendo assim, vemos que as vontades de Raquel, são condições que ela não pode viver no mundo real e por isso ela cria esse mundo fictício e, nesse contexto, descobre-se também a capacidade da menina como escritora. Nesse caso, os sonhos da personagem são, também, elementos simbólicos, já que apresenta características de desejos reprimidos. Dessa maneira, Raquel traz esse poder imaginário através de sonhos noturnos que podem ser mais bem exemplificado através do trecho a seguir:

[...] Uma noite eu sonhei que estava na praia soltando pipa. Acordei e falei pró Afonso:
 -Sabe? Disseram que eu não podia soltar pipa.
 - Por quê?
 -Falaram que era coisa de garoto.
 -Ué!

-Tá vendo? Falaram que tanta coisa era pra garoto, que eu acabei até pensando que o jeito era mesmo nascer garoto. Mas agora eu sei que o jeito é outro. Vamos lá pra praia soltar pipa? (BOJUNGA, 2017, p.126)

A partir desse trecho podemos observar que a fantasia está atrelada ao desejo de Raquel de querer ser menino, não por querer ter outro gênero, mas porque queria ter o direito de brincar do que quisesse. Nesse contexto, a frase final: “Mas agora eu sei que o jeito é outro. Vamos lá pra praia soltar pipa?” (BOJUNGA, 2017, p.126), mostra certa autonomia de pensamento de Raquel, quando ela diz que o jeito é outro, ela quer dizer que o fato de ser menina não pode a impedir de soltar pipa e ela o faz. Essa autonomia vai sendo cada vez mais representada na medida em que ela escreve, assim, de forma simbólica o sonho pode representar diversos sentidos e desejos, nos quais a menina consegue representá-los através de seu mundo imaginário e criativo.

3.2.2 O galo Afonso e o galo Terrível

Outro personagem que deve ser destacado é o galo Afonso, representante masculino na obra, que participa diretamente do mundo de Raquel. Além do galo, tem também o irmão dela que está no que podemos chamar de mundo real, dos adultos, e André que é o primeiro personagem inventado pela menina e o interlocutor para quem ela escreve e com quem ela fala sobre o mundo “real” familiar em que vive. Percebe-se que André é uma espécie de amigo oculto, assim como a Lorelai, que substitui André na interação da menina com esse mundo fictício que ela cria. Nesse sentido, segundo a Dra. Josiane Buratto, “podemos dizer que o amigo imaginário é um ser criado pela criança para poder comunicar coisas que não consegue dizer diretamente ao adulto.

Em algumas situações, é através dele que os pais conseguem se conectar com os sentimentos de seus filhos e ajudá-los”. (BURATTO, 2008, p. 1). É exatamente o que ocorre com Raquel, é com os amigos imaginários que ela conversa através das cartas para dizer coisas que a família não escuta ou opiniões que não são levadas em conta, principalmente pelos irmãos (as) mais velhos (as).

O Galo Afonso tem o grande desejo de seguir o seu próprio destino, sonhos e objetivos. Entretanto, vive em um galinheiro com diversas galinhas, em que ele tem que ficar dando ordens e assumindo responsabilidades. Por esse motivo ele começa a querer fugir desse destino, assim como podemos verificar no fragmento abaixo:

Ele morava num galinheiro com quinze galinhas, mas ele era um cara muito igual e então achava que era galinha demais pra um galo só. Pra contar a verdade, ele vivia até um bocado sem jeito de ser chefe de uma família tão esquisita assim. Então ele resolve fugir do galinheiro. Mas aí dá medo de todo mundo ficar contra ele. E então ele passa o romance inteirinho naquela aflição de fuge, não fuge. Quando chega bem no fim da história, ele resolve o seguinte: se a vida dele era furada, ele tinha mesmo que fugir e pronto. (BOJUNGA, 2017, p.22).

Como foi possível observar na leitura do trecho acima, o galo Afonso não aceitava ser chefe de muitas galinhas, pois queria uma vida em grupo mais democrática, e em função disso decide fugir do galinheiro. Apesar de ser um personagem do mundo mágico de Raquel, é através dele que a autora consegue mostrar que a sociedade acaba prendendo tanto o homem quanto a mulher, em uma determinada condição que, muitas vezes, não é a que o indivíduo almeja. De um modo geral, tanto o homem quanto a mulher são criados para o casamento, com funções e direitos diferentes e também já pré-estabelecido socialmente. Às vezes, a responsabilidade assumida ou a vontade de ter outra vida faz o homem largar tudo e, nesse caso, a mulher, mais uma vez, vai carregar sozinha a carga e ainda ser culpada aos olhos da sociedade, pelo abandono sofrido.

Assim, Afonso não queria ser tomador-de-conta-de-galinha nem gostava de brigar, mas que gostava de ter ideias. E por causa de sua insubordinação ele um dia é preso e: “Aí, um dia, eles me soltaram. E foram logo dizendo: "Daqui pra frente você vai ser um tomador-de-conta-de-galinha como o seu pai era, como o seu avô era, como o seu bisavô era, como o seu tataravô era - senão volta pra prisão. "E as galinhas disseram: "Deixa com a gente: se ele não se comportar direito a gente avisa"(BOJUNGA, 2017, p. 12). Percebe-se aí uma visão determinista da sociedade, que até hoje impera, pelo menos para alguns grupos sociais, a questão de os filhos seguirem a carreira ou o destino dos pais. Dessa forma, é como se ao nascer, o indivíduo já tivesse o destino traçado daí porque tantos abandonos ocorridos até pouco tempo por parte do homem.

Pode-se perceber ao analisar a figura do galo, que ele é um ser que transita em duas posições, ora ele é dominado pelos seus donos, ora ele tem que impor regras em seus galinheiro, é por esse motivo, que a personagem mantém a sua postura pela busca da liberdade. Como podemos verificar no exemplo abaixo:

[...] Mas o Afonso cantou, virou cambalhota, inventou passo de dança, o tempo todo falando:

- Agora sim, posso sair pelo mundo, voando bem alto sem perigo de me esborrachar. Agora sim, posso lutar pela minha ideia. Agora sim vai ser legal[...]. (BOJUNGA, 2017, p.130).

É possível dizer que a personagem Raquel cria o galo dentro da sua bolsa como uma forma de sufocar os seus pensamentos, por isso, Raquel se identifica com o galo, pois os dois compartilham do mesmo sentimento, ou seja, pela liberdade. Outro ponto que pode ser destacado é que o galo era chamado rei e que Afonso é nome de Rei, inclusive primeiro rei de Portugal, e simbolicamente, é um nome que remete a justiça, a honestidade e a liberdade.

Antes de receber o nome de Afonso, era chamado, pelas galinhas, de Rei e achava que esse era um nome que não combinava com ele, porque não queria mandar nas galinhas, mas o que ele desejava de fato era “Um galinheiro legal, todo mundo dando opinião [...]”. (BOJUNGA, 2017, p. 35). Percebe-se então, que a problemática aqui levantada reflete com clareza o desejo da figura masculina de ter liberdade, de poder realizar os seus desejos.

A autora usa de sutilezas para contextualizar as questões de gêneros, de maneira metafórica. Ela usa uma imagem masculina, no texto representada por um galo, que não se sente a vontade com tais padrões impostos pela sociedade, de que ele precisa liderar todas as galinhas, assumir posição de mando, então vive em um constante dilema entre o “seu destino” e o que realmente ele quer para sua vida.

Vivemos em uma sociedade que impõe regras e padrões para as pessoas, levando-as, na maioria das vezes, a negarem sua própria identidade e reprimir suas vontades. Isso ocorre não só na questão de gênero, mas também em outras situações, é como se cada um tivesse um lugar, o negro, o branco, o gordo, o magro, o homossexual, o hétero, o considerado feio, o considerado bonito e assim por diante. Na história, quando o galo quer fugir, significa que ele está rompendo os padrões que a sociedade impôs pra ele, para viver em mundo de acordo com suas ideais, onde homens e mulheres possam compartilhar dos mesmos direitos e responsabilidades, ou melhor, onde cada um possa escolher suas próprias responsabilidades e modo de viver.

Através dessa obra, a autora consegue mostrar o contexto social de uma época e que se faz presente até atualmente, o lugar da mulher e a posição do homem na sociedade, ressaltando a luta feminina pelo direito de igualdade e o sentimento oprimido do homem ao viver em um ambiente de imposições, que não leva em consideração os seus ideais.

Assim, é possível dizer que a obra de Lygia Bojunga está voltada para diversas temáticas, abordando os comportamentos sociais adquiridos através de convicções

dominadoras. Mesmo a obra levantando esses aspectos, a autora consegue fazer com que o leitor faça uma viagem entre o mundo real e o da fantasia.

Além do Afonso, aparece na história também o galo chamado de Terrível, cujo pensamento foi costurado por uma “linha forte”, ganhando também um significado muito importante, pois a escritora cria esse personagem com a “mentalidade capitalista e patriarcal”. O galo Terrível tem um único objetivo: o de ganhar sempre de todos os seus adversários, pois ele não aceita derrotas. Para esse personagem, o que importa é ganhar as brigas, para conseqüentemente aumentar os lucros para seu dono. É possível perceber então, a sutileza da escritora Lygia Bojunga, ao denunciar esse modelo capitalista de forma metafórica e criativa.

3.2.3 A bolsa amarela

Outro elemento muito importante da obra, e o que mais se destaca é a bolsa amarela, pois é nela que Raquel guarda os seus sonhos, desejos e segredos, protegendo-os de forma incomparável, da interferência dos adultos que se recusam a compreendê-la. A confiança e a segurança que Raquel tem na bolsa, é como a criança na própria mãe, pois a bolsa cuida dos filhos (os bolsos internos), como Raquel queria que a mãe fizesse com ela. O distanciamento não só da mãe como também do pai de Raquel, pode ser percebido ao longo da narrativa, uma vez que não é presente nas histórias e no cotidiano de Raquel, deixando subentendido que ele é ausente no contexto familiar, sem participar ativamente da vida e da educação de Raquel, fato que talvez tenha desencadeado essa postura de Raquel querer ser tão independente

A bolsa representa um lugar de refúgio, de proteção e de transformação para a protagonista, pois ao mesmo tempo em que ela protege os seus sonhos, ela guarda a suas vontades reprimidas, que logo mais serão transformadas em descobertas e auto valorização de seus sentimentos.

A bolsa detém também uma importante e especial simbologia: a da mulher forte, estabelecida na sociedade, papel que inconscientemente, Raquel deseja assumir. Ainda podemos ressaltar que a cor da bolsa, amarela, também evoca outros sentidos que a própria narradora acentua, ao afirmar que “amarelo é a cor mais bonita que existe. Mas não [...] um amarelo sempre igual: às vezes [...] forte, mas depois ficava fraco [...] já resolvendo que ser sempre igual é muito chato” (BOJUNGA, 2017, p.27).

3.2.4 O alfinete

Ainda temos outro elemento muito importante nessa narrativa que é o “Alfinete de fralda”, a sua história é bem pequena, mas é muito importante para a construção da narrativa

de Raquel e também da bolsa amarela, pois de acordo com o início da história a personagem já tinha encontrado o alfinete antes, mas só veio contar a sua história após ela já ter a bolsa amarela que possuía um bolso bebê, onde ela poderia abrigar algo tão precioso que fazia com que ela se lembrasse da sua infância. A personagem Raquel resolve contar a história do alfinete de frauda através do trecho abaixo:

Um dia eu ia passando e vi o Alfinete caído na rua. Peguei, limpei, desenferrujei, experimentei, a pontinha dele no meu dedo, vi que ela era afiada toda vida:

-Puxa!

E ela começou a riscar na minha mão tudo o que o Alfinete queria dizer:

-Me guarda? Já não aguento mais viver aqui jogado: passa gente em cima de mim; chove; eu fico todo molhado, ego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: pronto! Vão achar que eu não sirvo mais para nada, vão me levar no caminhão de lixo; me encolo todo pra vassoura não me ver; e depois que ela passa, e depois que o susto passa, eu risco na calçada um anúncio de mim dizendo que eu sirvo, sim; mas nunca acontece nada. Me guarda?

-Guardo. (BOJUNGA, 2017, p.27).

De acordo com a citação acima, pode-se relacionar este pequeno objeto com a infância, ou seja, tudo o que é mais ingênuo e infantil em Raquel. Assim, o “alfinete de fralda”, largado e jogado na rua, simboliza também, em nosso entender, todas as infâncias esquecidas, vividas pelas pela personagem e a sua saudade que ela tem de retornar para a infância, desta maneira, o alfinete de frauda aparece na história para simbolizar a delicadeza e a criança viva que está dentro de Raquel.

O alfinete que era guardado no bolso chamado por ela de bolso bebê representa a própria a própria menina, uma vez que ela é também o bebê da família. Assim, é como se ela quisesse o colo e o acolhimento materno assim como a bolsa acolhe o bolso bebê e o alfinete que ela coloca lá.

A partir dessa análise é notável que Lygia Bojunga, possui um estilo próprio nas suas escritas, fazendo com que a literatura atinja o leitor, envolvendo-o de tal maneira que possa chegar a se imaginar com os próprios personagens da história, pois sua narrativa, além de trazer uma linguagem que dialoga com o universo da criança, traduz a percepção infantil, o que, muitas vezes, ocorre por meio do fluxo de pensamentos.

Assim, a narrativa de Bojunga, acaba se destacando pela sua a linguagem coloquial e pelo discurso de forma crítica, dos problemas da realidade cotidiana. Todos esses aspectos se tornam interessantes por que Lygia consegue compreender a mente da criança e do jovem, abordando os aspectos de realidades sociais nas suas obras e, ao mesmo tempo, avançando no

reino da fantasia, por meio da exploração de metáforas, podendo alcançar diversos tipos de leitores, sejam eles crianças, adolescentes ou adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é um dos pilares da educação escolar, é nesse ambiente que as práticas de leitura são sistematizadas formalmente. Desse modo, a escola pode e deve colaborar na formação do leitor. Dessa maneira, é possível afirmar que a literatura na escola possui um importante papel, pois ela é também responsável por despertar o interesse e gosto pela leitura nos seus alunos, estimulando a imaginação, a criatividade e a emoção, formando assim um ser leitor.

Sabe-se que muitos alunos leem por obrigação, não despertam apreciação pela obra, isso devido ao método em que ela é trabalhada em sala. Muitas escolas dizem que adotaram o ensino de literatura, mas a verdade é que a literatura está apenas no currículo escolar, ela não está na sala de aula, sendo trabalhada como deveria. Em muitos casos já registrados, a literatura é trabalhada de forma fracionada.

Notadamente, os anos iniciais da vida escolar do aluno, especialmente o fundamental II, sofrem de uma carência muito grande que tange a efetividade do ensino da literatura, muitos professores ignoram a necessidade de fazer com que a leitura literária se torne algo agradável, capaz de motivar o desejo do aluno a ter um maior contato com a prática da leitura além do ambiente escolar. Isso ainda acontece porque muitos desses professores não dispõem de uma formação adequada para o ensino de língua portuguesa que os possibilitem criar outra concepção acerca do trabalho com leitura.

Nesse sentido, o presente trabalho objetivou fazer uma discussão através de uma pesquisa bibliográfica e de análise crítica sobre ensino de literatura no ensino fundamental II, objetivando ainda, observar como a leitura pode ser aplicada em sala de aula. Ao longo do trabalho, após reunir uma coletânea de escritores que tratam dessa temática.

Apesar da escola, está tendo pequenos avanços em relação à inclusão da literatura no currículo escolar, esta prática ainda é muito irregular e insuficiente. Nesse sentido, inúmera discussão vem sendo travadas, objetivando direcionar as práticas educativas para que sejam trabalhadas de forma a favorecer o crescimento intelectual e a formação crítica do aluno a respeito das dinâmicas do mundo.

Assim, o texto literário tem assumido uma importante função no sistema educativo, permitindo que a literatura possa assumir um papel de representação e transformação da sociedade, pois uma obra literária pode utilizar diversos recursos com os quais o autor pode produzir efeitos de denúncia e reflexão sobre a realidade social presente na narrativa bem como observar e interagir com os aspectos simbólicos que fazem parte do texto, como foi

mostrado nos textos apresentados no capítulo I. Sendo assim, é possível entender que a obra literária, além de promover prazer, tem o poder de dar respostas ao leitor, quanto às questões relacionadas à sociedade e em relação a si mesmo.

Através da análise do livro “A bolsa Amarela”, obra voltada para o público infanto-juvenil, pode-se ver na prática como a leitura tem o poder de gerar reflexão, inquietação, levar o leitor para o mundo da fantasia, mas sem perder o senso crítico, levando-o a decifrar códigos escritos nas entrelinhas do texto que vão muito além do que as palavras escritas estão dizendo.

Conclui-se com este trabalho, portanto, a necessidade pujante do reconhecimento por parte da escola, professores e sociedade em geral, leia-se família e outros membros da sociedade, de reconhecer a importância da literatura para a formação do aluno, não apenas como atividade obrigatória da escola, mas como um instrumento transformador, que possa dar subsídios a esses alunos, futuros adultos, tomadores de decisões, ocupantes de cargos públicos, enfim, pessoa que vão conduzir o futuro do país, estes serão reflexo dos ensinamentos outrora oferecidos na escola e na sociedade, por isso, é tão importante à formação crítica desses jovens, para que estes passam crescer sendo seres pensantes, críticos, analíticos e inconformados com a reprodução social de tantas mazelas.

Sabe-se que esta abordagem é muito ampla, não se pretende aqui esgotar o estudo dessa temática, apenas despertar para a importância dela e chamar a atenção para grande carência de trabalhos voltados para a investigação desse temática, pois a maioria dos estudos são voltados para o ensino fundamental I e médio, o fundamental II ainda é bastante segregado nos estudos acadêmicos, assim, destaca-se a necessidade de trabalhos futuros abordando esta temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. Socorro P. de. **LITERATURA E ENSINO: perspectivas metodológicas.** Rios Eletrônica- Revista Científica da FASETE ano 8 n. 8 dezembro.

_____. Aspectos de natureza e proposta de leitura na poesia de Patativa do Assaré e de Leandro Gomes de Barros. In **AZEVEDO, Sergio M. de et al. Sociedade/natureza, compartilhando ideias, desenvolvendo sensibilidades.** Campina Grande: UEPB/SABEH, 2018.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BACHELARD, Gaston. **Poética do devaneio.** Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura.** 4 ed. São Paulo: Ática, 1988.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. 1998. **Parâmetros Curriculares Nacionais.**

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela.** Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2017.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas).** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BURATTO, Josiane. **Amigo oculto: o imaginário da criança.** 2008. Disponível em: <http://www.bemdesaude.com/expert/9/dra-josiane-buratto/265/amigo-oculto-o-imaginario-da-crianca.html>. Acesso em: 13/07/2018.

CÂNDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**, in texto de intervenção- seleção de Vinícios Dantas. São Paulo: Duas cidades, ED. 34 2002- p.392.

CRISTÓFANO, Sirlene de Lima Corrêa; Carneiro, Maria do Nascimento. **O ITINERÁRIO SIMBÓLICO EM A BOLSA AMARELA DE LYGIA BOJUNGA: “Fantasiar para Incluir”** – Porto, 2009, 96p. Tese de Mestrado – Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto- FLUP.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT Alain. **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

COLASANTI, Marina. **Mais de 100 histórias maravilhosas.** São Paulo: Global, 2015.

CORSINO, Patrícia. **Prática Educativa da Língua Portuguesa na Educação Infantil.** Curitiba: IESDE Brasil/A. 2009.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2007.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: Teoria e prática,** São Paulo: Ática, 1989.

COELHO, N. N. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT Alain. **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel (et al). **Literatura Popular em Verso: Estudos.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1986.

ELIADE, Mircea,. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso/** Mircea Eliade; prefácio Georges Dumézil; tradução Sonia Cristina Tamer, - São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. **Atividades com textos em sala de aula.** In: ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.* 2. Ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

GAIGNOUX, Aline de Azevedo. **O texto literário na escola.** Palimpsesto. Rio de Janeiro, V.13, nº 15, 2014.

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau.** Por uma outra leitura da leitura. 2ª ED. São Paulo; Editora Loyola, 1992.

GOTILIB, Nádia B. **Teoria do conto,** São Paulo: Ática, 1990.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura.** Campinas,SP: Pontes, 1997.

MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo: Paulinas, 2007.

MEIRELES, C. **Problemas da Literatura Infantil.** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1984.

MOLINA, Olga. **Ler para aprender: desenvolvimento de habilidades de estudo.** São Paulo: E.P.U., 1992.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclo/** Ministério da Educação. Secretária da Educação Fundamental. 3. ed– Brasília: A Secretaria, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **O ensino da literatura.** In:NITRINI, SANDRA et al (org)**Literatura, artes, saberes.** São Paulo: ABRALIC – HUIITEC, 2008.

PIAGET, Jean, 1896-1950. **Seis estudos de psicologia**/ Jean Piaget; tradução Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. – 24, ed, - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

SANDRONI, Laura Constância. A estrutura do poder em Lygia Bojunga Nunes. In: COELHO, Nelly Novaes et al. **Literatura infanto-juvenil** . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Rev. Nº63. out./dez. 1980.

SERRA, Elizabeth D'Angelo: **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**/ Elizabeth D'Angelo Serra (org.) – Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. Tradução de James Amado – São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. **A literatura infantil na escola**. 4. ed. São Paulo: Global, 1985.

_____. **A Literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

_____; LAJOLO, M. **Um Brasil para crianças**: para conhecer a Literatura Infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1993.